

75

Uma publicação
da Associação
Palas Athena
ISSN 1413-893X

Thot



*Desafios
éticos do
século 21*

**Luis M.
Dolan**

**A PAZ
PEDE
PARCEIROS**

*Os frutos
amargos da
democracia*

**J. C.
Ismael**

Índice

- 2 Desafios éticos do século 21
Luis M. Dolan
- 13 A contribuição da simplicidade voluntária para uma nova cultura planetária
Pierre Pradervand
- 18 A arte de pensar
Suzete Carvalho
- 26 Violência, liberdade e responsabilidade
Arnaldo Bassoli Jr.
- 41 Paine! A Paz pede Parceiros
- 51 Caríssimo amigo
George Barcat
- 52 A beleza da primavera
Thich Nhat Hanh
- 58 Física e psicologia: caminhos que se cruzam
Maria Aparecida Nogueira
- 67 Cinema, TV, violência
Cid Marcus Vasques
- 73 Universidades, transdisciplinaridade e experiência humana
Ubiratan D'Ambrosio
- 86 Os frutos amargos da democracia
J. C. Ismael



THOT é uma publicação da Associação Palas Athena do Brasil.

THOT nº 75 - abril de 2001
tiragem: 3.000 exemplares
ISSN 1413-893x
R\$ 9,00

Editores: Basilio Pawłowicz, George Barcat, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Ubiratan D'Ambrosio.

Equipe THOT: José Flávio Retz, José Romão Trigo de Aguiar, Lúcia Benfatti Marques, Mara Novello Gerbelli, Nilton Almeida Silva, Paulina Berenstein.

Colaboradores: Cid Marcus Vasques, Daniela Moreau, Maria José Sestí Neves, Marly Montesano, Roberto Ziemer, Suzete Carvalho, Thereza Covalcanti Vasques.

Produção: Ademir Assaoka, Emílio Moutarrige, Lúcia Brandão S. Moutarrige, Maria do Carmo de Oliveira, Sérgio Marques, Therezinha Siqueira Campos.

Impressão e distribuição: Gráfica e Editora Palas Athena.

Jornalista responsável: José Caruso Filho.

As fotos publicadas nesta edição são de *Atilio Avancini* registrando o evento "A Paz Pede Parceiros" em 10 e 11 de março de 2001.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números deve ser pedida à Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Associação Palas Athena do Brasil

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
04003-010 - São Paulo - SP

Fone: (11) 3266.6188 Fax: (11) 287.8941
www.palasathena.org

Editorial

Mui queridos todos

Tive a alegria de participar, desde outubro passado, das reuniões preparatórias do projeto **A Paz Pede Parceiros**, e posso assegurar-lhes que, se não viesse a acontecer nos dias 10 e 11 de março de 2001, ainda assim ele já teria cumprido boa parte de seus objetivos, que são: **partilha, simplicidade e cooperação**.

A construção do programa foi um sucesso de criação conjunta, nascida do exercício democrático de respeito pelos talentos e aptidões naturais. Cada proposta de atividade apresentada por um membro da equipe não apenas somava, como também potencializava, em relevância e consistência, as atividades dos outros.

O espírito de cooperação teve momentos de singular beleza. Tão logo alguém informava sobre a necessidade de algum material para concretizar sua apresentação, já havia voluntários dispostos a conseguir ou oferecer o que faltava. E quando estes últimos comunicavam suas necessidades, aqueles primeiros prontificavam-se a resolver a situação. Um verdadeiro festival de trocas. Casamentos perfeitos entre carência e abundância, que se revezavam continuamente.

Entusiasmo, escuta e cooperação foram presenças constantes nas reuniões, proporcionando a todos nós a oportunidade da prática e da alegria do Serviço, ou, nas palavras eloqüentes de Gandhi: "é no esforço e não no êxito que podemos ter satisfação; o pleno esforço é a verdadeira vitória".

Na calidez do abraço,

Lia Diskin

DESAFIOS ÉTICOS DO SÉCULO 21

Entusiasmo, vitalidade, sentir interesse desinteressado por todas as coisas, especialmente pelo humano e seus afazeres, criações, sentimentos, é próprio da juventude – fase heróica onde nada é impossível e se vive em clima de eterna descoberta, arrebatado pelos holofotes e pirilampos da vida em potência.

Quando essa qualidade de sentir e perceber o mundo habita um corpo cujos sinos marcam 76 anos, reconhecemos um feito mais que heróico, sábio.

Pe. Luis Dolan contagiava entusiasmo. Sonhava que sabia fazer sonhar. Pioneiro no campo do diálogo inter-religioso da América Latina, semeou nestas terras o respeito e interesse por todas as expressões de fé, alargando o horizonte da espiritualidade e legitimando suas diversas manifestações.

Coordenador na América Latina e Caribe da United Religions Initiative, abriu espaços de diálogo em quase todo o continente, confiante em que a verdadeira religiosidade desperta o que há de melhor em nós.

Transcrevemos a seguir uma de suas últimas palestras realizada na Universidad del Salvador, em Buenos Aires, Argentina.

Gostaria de falar dos desafios éticos que enfrentamos hoje e que formarão parte essencial do contexto do século 21. Creio que ninguém duvida de que estamos vivendo um período de mudança de paradigma no mundo inteiro. Precisamente por causa dessa realidade, antes de analisar esses desafios básicos com que nos defrontamos, quero afirmar que viver num período de mudança paradigmática como o nosso é para mim um grande atrativo, pois os fenômenos que mencionamos caracterizam um momento de parênteses na viagem dos povos. Isso não é algo primordialmente negativo, mas sim uma fase de grandes esperanças para o futuro. É certo que estamos vivendo num mundo cansado, cuja cultura está em decadência e enfrentamos problemas muito sérios, como

- a falta de paixão na afirmação de nossas crenças fundamentais;
- a diminuição da mística do sexo;
- a corrupção;
- a cultura pós-drogas, que pode ser vislumbrada.

Mas este momento de mudanças é também, e com maior força, uma oportunidade, porque em meio à mesma decadência de hoje há

- maior criatividade;
- uma nova cultura de abstinência;
- uma instabilidade, que é como uma chave para a transformação em direção a um novo paradigma;
- valorização da paz, do yoga e da meditação.

A partir dessa perspectiva, gostaria de falar sobre o desafio que representam três fenômenos básicos e depois procurar ver o que pode ser feito em relação a eles. Os três fenômenos são

- A década de 60 e suas conseqüências;
- A globalização;
- O relativismo.

Esses desafios não incluem outros, que também nos esperam no século 21. Contudo, creio que examinando-os a partir de uma perspectiva global, e considerando-os em conjunto, eles nos fornecem uma espécie de radiografia, que permite

-
- ver a alma do século vindouro;
 - fazer um diagnóstico;
 - sugerir os remédios adequados.

A década de 60 – Apresento o primeiro fenômeno como uma interrogação. Trata-se de um momento histórico que se transformou num fenômeno social. Será que

- a década de 60,
- a revolução científica, tecnológica e espiritual manifestada, *inter alia*,
- pela rebeldia,
- pelas revoluções de universitários, a partir de 1968,
- pela viagem à Lua,
- pelas profundas mudanças nas religiões,
- pelo desmembramento do continente africano,
- pela queda do Muro de Berlim e do império comunista, em 1989,
- pelo aparecimento do feminismo
- e pela revolução sexual,

provocaram uma mudança axial no mundo?

Assim pensava eu, enquanto percorria diversos países africanos, asiáticos e americanos, entre 1965 e 1990. Hoje devo confessar que, sem tirar a importância da década de 60, essa revolução foi ideologicamente gestada na década de 50 com a guerra fria, as bases para a "morte de Deus", etc., que explodiriam mais adiante. Certamente que a década de 60 foi um passo-chave para uma mudança radical, que viria a se chamar "Era Pós-Industrial" da história de 1950.

Tudo isso implica que é preciso considerar esses fenômenos para além de uma manifestação explosiva nas décadas de 60 e 70, e dentro do contexto do que começou na década de 50 e que ainda foi vivido nos anos 90. Essas três realidades históricas estão pouco a pouco mudando a face da Terra, pois, ao contrário do que vi e continuo a ver em países de três continentes, nos quais trabalhei e vivi, elas me fazem pensar em se hoje há algo radicalmente diferente, que precisa ser cada vez mais analisado. No entanto, isso só será bem feito se tomarmos o que é radicalmente distinto em seu conjunto, num sentido global, e não cada fenômeno de forma isolada.

A globalização – O segundo fenômeno é a globalização, que está nos trazendo

- uma economia cada vez mais internacional;
- um mercado único, cada vez mais global;
- uma crescente relação entre a demanda de empregos e a educação, com o problema abismal que é a complexa exclusão dos povos pobres do mercado;
- um profundo questionamento de valores, etc. (ver “A Educação na Argentina no Século 21”, de Edith S. De Obschatko, em *Archivos Del Presente*).

É importante notar que ultimamente a globalização está enfrentando o que possivelmente pode ser chamado de sua primeira crise econômica global, manifestada pelo atraso no progresso em direção ao capitalismo de livre mercado. Em minha opinião, essa circunstância se deve principalmente ao fato de que aqueles que acreditaram num capitalismo total não levaram em conta os riscos que implicava a busca de benefícios cada vez maiores para os investimentos dos países desenvolvidos, em prejuízo dos países ditos em desenvolvimento. Por isso, atualmente os países desenvolvidos têm que retirar seu dinheiro de mercados importantes, o que vem causando problemas muito sérios em países como a Rússia, o Brasil, países do Oriente e até na Argentina, para não mencionar a Somália, a Argélia, o Haiti, etc.

Nesse sentido li no New York Times, de 10 de outubro de 1998, que desde que começou o chamado “caso Lewinsky” a demora nos investimentos cresceu acentuadamente e, se não fossem tomadas medidas econômico-sociais efetivas, ela poderia levar a resultados drásticos. Contudo, para os jornalistas, os políticos e outros que freqüentavam os meios de comunicação, não importavam as conseqüências de uma crise econômica. O que interessava era explorar ao máximo os matizes, e principalmente as nuances sexuais do “caso Lewinsky”.

Para ser objetivamente equânime, devo admitir que seria incompleto apresentar os aspectos negativos da globalização se não for mencionado que, em suas múltiplas facetas, ela está indicando

- que algo de novo está nascendo;
- que não há quem possa vislumbrar e expressar no que se transformará o que está nascendo;
- que jamais voltaremos a uma economia limitada a poucos países;
- que não há quem possa prever qual será o futuro.

Mas esse futuro sem dúvida será melhor, se soubermos utilizar os meios apropriados para um crescimento ético. É preciso levar a sério o fenômeno da globalização. Como disse o Dr. Kofi Anan, Secretário Geral da ONU, "a comunidade internacional é uma obra em progresso" (discurso na Conferência das ONGs, em 14 de setembro de 1998, pág. 14, versão em inglês).

O relativismo – O terceiro fenômeno é o relativismo. Em minha experiência, ele agora está se moldando como um fenômeno adequado para esta época, com aspectos positivos e ao mesmo tempo – e talvez mais ainda – com efeitos negativos, quando não devidamente encaminhado. O relativismo é como a filosofia da humanidade, neste período de crescente globalização. É a outra face da mesma moeda e isso não é aceito por todos. É um novo desafio. É difícil entendê-lo como um desafio para o mundo inteiro, porque suas ramificações ainda não se exteriorizaram totalmente na linguagem política. Entretanto, graças a Deus, as religiões estão se expondo a esse fenômeno.

O relativismo é ambivalente. Por um lado, neste momento de mudança de paradigma, ele nos ajuda

- a aprender uns com os outros;
- a entrar na alma dos demais;
- a saborear os benefícios de uma comunicação internacional em crescimento;
- a reconhecer que somos todos discípulos de algo que está nascendo.

Por outro lado, por meio do relativismo corremos o perigo de descuidar de alguns princípios básicos

- crer que os 10 mandamentos não são para todos;
- acreditar que não há um Deus comum, seja qual for o nome pelo qual o chamemos;
- dar mais importância aos valores que aos princípios que devem inspirá-los;
- falar de uma ética global sem sublinhar suficientemente a necessidade de princípios morais globais que a inspirem.

Isso é relativismo. Trata-se de um produto da comunicação entre as culturas e entre as etnias e as religiões. É como uma associação ou "casamento" entre as crenças e cavilações do mundo ocidental, e a irrupção de filosofias e religiões da Índia e de outros países da Ásia e do Ocidente.

Uma das características que mais necessitam de esquadri-
nhamento e atenção no relativismo é que ele parece querer
eliminar o mistério da vida humana e, quando isso acontece,
aparecem outros deuses como a ciência, o dinheiro, o sexo, a
auto-realização, etc. É de capital importância analisar a fundo
esse fenômeno do relativismo atual, para discernir o que é
bom e o que é perigoso. Por exemplo, o sentido da tolerância,
que atualmente se apresenta como uma salvação para proble-
mas étnicos, religiosos, nacionais, é uma necessidade vital, mas
precisa ser praticado sem deixar que princípios fundamentais
sejam comprometidos.

Outro exemplo é o diálogo, sobretudo o inter-religioso e o
intercultural. O diálogo é como o sangue de nossa cultura. Em
países asiáticos, ele é chamado "o caminho de Deus". Hoje, no
mundo inteiro, estão sendo tratados temas inter-religiosos, o
que indica que se percebe a ação do Espírito Santo trabalhando
em todas as culturas, povos e religiões. Isso nos ensina a com-
partilhar consciências para chegar a conhecer a alma do outro.

Mas se o diálogo não é entendido assim e não é praticado
com grande respeito pelo outro, pode comprometer, e até
mesmo destruir, crenças fundamentais. Para que o diálogo seja
um elemento de crescimento neste mundo tão inter-relaciona-
do, precisa ser honesto, humilde, paciente. Por isso, sua eficá-
cia tem relação direta com o grau de identidade pessoal dos
participantes. O mesmo poderia ser dito da forma como o
mundo de hoje vive a liberdade, os direitos humanos, etc. Creio,
porém, que fica claro que há uma realidade chamada relativis-
mo, que está nos afetando de modo sério e profundo, e por-
tanto é necessário saber como viver, pensar e trabalhar num
mundo relativizado.

O fundamentalismo apareceu principalmente pelo temor de
perder o essencial de uma cultura, de uma religião, de uma
nação. Sem legitimar os métodos que alguns grupos funda-
mentalistas politizados empregam, o certo é que historicamen-
te se entende por que hoje são tão fortes

- o Taleban no Afeganistão;
- o hinduísmo fechado de alguns partidos políticos da Índia;
- a ausência de um *modus vivendi* entre os palestinos e os israelenses;
- a crescente influência de filosofias cristãs de direita, às ve-
zes de extrema direita, em países do Ocidente.

O Cardeal Ratzinger, do Vaticano, ensina que o relativismo moral se deve ao fato de que a ortopráxis não respeita a ortodoxia e tem vida própria. No entanto, se não houver uma ortodoxia definida não se chegará à verdade pela ortopráxis. Esse fenômeno deve ser profundamente examinado. Para isso, é preciso confrontar o fundamentalismo, que apareceu como uma tempestade de verão nas décadas de 70 e 80, com o relativismo.

Como conclusão destas reflexões sobre o relativismo, gostaria de deixar uma interrogação: ele está em confronto direto com a religião? Creio que o século 21 será testemunha de uma confrontação entre o relativismo e as crenças religiosas. Não acredito que isso seja negativo por si só, se o considerarmos um pouco como a culminação do período de parênteses que estamos vivendo. Dessa confrontação surgirão ensinamentos claros e benéficos, pautas e orientações muito cheias de vida, que farão do século 21 um período de vida melhor e mais completa. Todavia, tudo isso depende de como se encare essa confrontação. Assim, repito que é preciso considerar os três fenômenos como um conjunto e não como três realidades desconectadas.

Eis a radiografia. Para fazer um diagnóstico, é necessário levar em conta que nele aparece uma realidade histórica que mudou todas as regras do jogo, e como a globalidade e o relativismo são pontos dessa realidade. Dentro dela aparecem também a revolução sexual, o feminismo, as disputas ideológicas dentro de cada religião, as mudanças nas finanças mundiais, etc. Entretanto, tudo isso cabe nesta radiografia, como parte do globalismo e do relativismo.

Como enfrentar esses desafios – Vimos a importância de três fenômenos, que hoje exercem grande influência no mundo, e chegamos ao ponto crucial: como enfrentar esses desafios? Não pretendo mencionar, e muito menos analisar, tudo o que se deve fazer hoje para responder a essas questões. Levaria muito tempo e seria necessária a ajuda de profissionais de várias matérias, como a filosofia, a economia, a sociologia, a ecologia e a política, tanto a nacional quanto a global. Gostaria simplesmente de compartilhar o esboço e um estilo de vida que aprendi e continuo aprendendo, em minha vida dedicada ao diálogo e à cooperação intercultural e inter-religiosa.

Esse estilo nos dará uma vida mais rica em valores, dos quais precisaremos para o século vindouro. Com ele, poderemos fazer frente ao século 21 e nos enriqueceremos com seus

desafios. Tal padrão é de particular importância para jovens universitários, pois eles serão os dirigentes do século 21, e também para professores, reitores de seminários, dirigentes políticos, advogados, empresários, para que eles atuem dentro do novo marco que 1998 nos proporciona, e não continuem a projetar marcos antiquados.

O primeiro elemento desse estilo é a cultura. Hoje, estamos vivendo as manifestações radicais de uma revolução cultural. As culturas nas quais nós, os adultos atuais, nascemos e crescemos, foram obscurecidas pela rapidez das mudanças que vivemos: o excesso de informática, a separação geográfica das famílias por motivos de trabalho, as exigências exorbitantes impostas às crianças do primário e aos adolescentes do secundário. No entanto, está aparecendo – ou reaparecendo – uma certa consciência cultural, que vem dando origem ao diálogo inter-religioso, ao melhor conhecimento de outras culturas, à criação da ONU, etc.

Por isso, é de capital importância deixar claro o que é cultura, qual é a minha cultura (ou minhas culturas). No Equador, João Paulo II, diante de um grupo de intelectuais, disse que para ser mais benéfica a cultura “precisa ter como ponto de referência o ser humano, tal como foi criado e é amado por Deus, com seus valores humanos e suas aspirações espirituais”. As diferentes culturas são formas diversas de enfrentar o sentido da existência pessoal. Por isso, a cultura é a pedra fundamental do século 21.

Todos devemos trabalhar cada vez mais para a formação e a conversão da cultura, para que o ser humano seja sempre posto em seu centro. As universidades, os seminários, os departamentos de ciência diplomática e jurídica, precisam propor a si mesmos questões radicalmente novas. Precisam até mesmo trilhar caminhos desconhecidos, se não quiserem ficar na retaguarda. Num excelente artigo, o Dr. Francisco José Piñon (*Archivos del Presente*), afirma que “o fortalecimento das identidades culturais se transforma (...) no melhor instrumento (...) para uma participação protagônica na globalização”.

Acredito que devemos entrelaçar a cultura “nova” que está surgindo em diversas partes do mundo com o que Schumacher chama de “educar o coração”, e que ajuda a viver uma espiritualidade ardente, uma vida profunda de reflexão e oração. Tudo isso é um marco multicultural e multi-religioso.

Ao falar da cultura, tenho logicamente de incluir a religião porque, como diz o filósofo indo-espanhol Raimon Pannikar,

presidente da Sociedade Espanhola de Ciências da Religião, “a religião dá a toda cultura seu conteúdo supremo, e é a cultura que dá a toda religião a sua linguagem” (Ver *Reinado Social*, nº 781, agosto-setembro, 1996, pág. 14).

Isso nos leva ao segundo elemento de um novo estilo de vida, que é o papel que terá de desempenhar a espiritualidade se a cultura quiser ter alma. Refiro-me à espiritualidade que surge de uma religião. Hoje em dia, há espiritualidades “psicológicas” ou de “auto-realização”, ou de “mecanismos psicopedagógicos”. Todas essas, e muitas mais, são formas “modernas” de atrair o espírito humano descrente e cansado das imposições de uma religião institucional para a espiritualidade. Lamentavelmente, porém, nenhuma delas dá a Deus o lugar primordial que Lhe corresponde, e dependem em sua quase totalidade de esforços pessoais. De maneira nenhuma servirão como alma do século 21. Como lembrou o Dalai Lama, a tradição religiosa deve ser parte da vida diária de cada um. “Se a cumprires seriamente”, disse ele, “entenderás o verdadeiro sentido da espiritualidade”.

Escrevi em vários artigos que não devemos estabelecer uma dicotomia entre a religião e a espiritualidade, apesar dos muitos erros que a primeira possa ter cometido. A meu ver, o correto é a “espiritualidade religiosa”. Ela implica a aceitação de princípios básicos, como são os 10 Mandamentos; viver valores fundamentais alimentados pela meditação; o cuidado com a justiça social; comprometer-se a trabalhar para aliviar o sofrimento injusto dos despossuídos; desenvolver um estilo que dê espaço ao culto religioso tanto comunitário quanto pessoal, etc.

Todos sabem como essa espiritualidade religiosa vem tomando um novo ímpeto no mundo atual. Eu poderia mencionar os testemunhos de Vaclav Havel, de Gandhi, de Einstein, de Dag Hammarskjöld. É necessário que avaliemos periodicamente a qualidade de nossa espiritualidade e examinemos se ela nos está ajudando a aprofundar mais a sua raiz religiosa.

Isso nos leva ao terceiro elemento, que é a alma de toda religião: a vida interior expressa na oração, na meditação, na contemplação, no culto. Os hindus chamam essa condição de *bhakti-marga* (o caminho da entrega total a Deus), distinguem-na do *jnana-marga* (o caminho do conhecimento) e do *karma-marga* (o caminho da ação) e destacam que o *bhakti-marga* é o elemento essencial de uma vida interior.

A importância dessa vida interior expressa pela oração tem outros exemplos. No cristianismo, há o extraordinário fenômeno

nascido em Milão há alguns anos. O cardeal Carlo Martini, que além de ser arcebispo sempre se apresenta como membro de uma comunidade local, tomou a iniciativa de ajudar os milaneses a enfrentar suas inquietações e seus problemas humanos e espirituais. Convidou-os à catedral, pertencessem ou não a uma religião, fossem ou não crentes. Pôs uma única condição: que todos se comprometessem a pensar. No início, eram de 1000 a 1200 pessoas, mas o número cresceu rapidamente até 4000, e por isso o cardeal teve de estender sua iniciativa a 70 templos de Milão. Falou em ouvir os crentes e em criar "uma aula para os crentes". O método é simples: começa com momentos de silêncio, alguns cânticos, uma leitura do Novo Testamento e uma curta introdução à oração pessoal. Em seguida, mais longos períodos de silêncio.

Essa iniciativa serviu enormemente aos milaneses, conforme muitos deles testemunharam. Falo de Milão por tratar-se do Ocidente, onde o secularismo parecia ter-se enraizado, e me pergunto por que tanto êxito foi obtido. Há outros exemplos semelhantes em várias partes do mundo, organizados por representantes de várias religiões, como o grupo Sarvodaya do budismo, com seu excelente programa para comunidades locais em Sri Lanka. Outro exemplo é o grupo São Egidio, em Roma, cujo vasto programa sobre solução de conflitos em Moçambique e em vários países da África, em suas grandes conferências nos países mediterrâneos, tem seu marco de ação baseado na oração pessoal e comunitária.

Acho que essa realidade, que toca a alma da religião, está muito bem expressa na cosmovisão indígena: "Se és rico, ajuda; se és pobre, ajuda. Não queremos tuas coisas, queremos o teu coração (*Los Desnudos de Kollasugo* [*Os Nus de Kollasugo*], de Tala Waman). Tal maneira de criar valores, de suma importância em nossa vida, é a face oposta do relativismo, porque honra todas as inquietudes e crenças, mas as desafia porque procura vê-las com os olhos de Deus.

Futuro e sabedoria – Tudo que foi dito neste contexto nos leva a compreender que o ensinamento do futuro precisa ter como base a educação do coração, como foi dito linhas atrás na citação de Schumacher – porque nossa civilização só poderá sobreviver se começar outra vez a educar o coração, que é a fonte da sabedoria. O ser humano de hoje é demasiado inteligente para crer que poderá sobreviver sem sabedoria. O verdadeiro sentido da educação do coração implica a educação

pelos valores, o compromisso com a comunidade, a formação na oração e/ou a meditação e o cultivo da arte, da imaginação, do amor e do perdão. Todos os currículos acadêmicos, a pesquisa, a economia, a política, os estudos preparatórios para o sacerdócio, o governo de povos e nações, devem colocar-se dentro desse marco, se quisermos triunfar no século 21.

Essa é a revolução de hoje. Podemos participar dela, mas podemos ser meros espectadores, ou podemos ainda seguir nossas mesquinhas metas pessoais, como acumular dinheiro e proporcionar-nos todos os prazeres que quisermos. Os resultados serão totalmente opostos. A escolha é de cada um, mas saibamos que o século 21 será religioso, com forte destaque para o inter-religioso. É aqui que se insere, como um ímã que atrai a todos os interessados nesse século, o fazer da gratidão a chave que abre as melhores portas para o futuro. Essas idéias devem ser injetadas nos programas de governo, nas escolas primárias, secundárias e superiores, nas grandes empresas, nos seminários e casas de formação religiosa.

Estamos preparados para isso? Não sei. Mas deixo aqui estes pensamentos, fruto de meu coração de viajante pelo mundo durante os últimos 40 anos. Verão que não falei da economia, do sistema dos mercados, nem de como devem funcionar empresas multinacionais, nem da formação de dirigentes, nem do fator que os cientistas chamam de complexidade. Creio que um programa global de ação de graças abrange tudo isso e muito mais, em formas sistemáticas, educativas e sobretudo criativas. O coração deve dirigir a mente e não o contrário.

Haverá quem diga que não se sente capaz disso. A ele, ou a ela, dirijo as palavras de Gandhi: "Estou impaciente com os que sonham com sistemas tão perfeitos que ninguém precisa ser bom". Enfrentemos o século 21 com fé, alegria e dedicação.

THOT

**PIERRE
PRADERVAND**

É sociólogo. Viajou, trabalhou e pesquisou em 40 países. Seus seminários *Viver de outro modo* – visam ajudar as pessoas a viver de modo mais simples, mais centradas em valores e respeitando o meio-ambiente. Escritor, faz trabalhos voluntários em prisões e numa instituição para mulheres e crianças.

A CONTRIBUIÇÃO DA SIMPLICIDADE VOLUNTÁRIA PARA UMA NOVA CULTURA PLANETÁRIA

Caros amigos,

Estou certo de que a maioria de vocês sabe o que é um visiphone – um telefone portátil com uma telinha na qual se pode ver a pessoa com quem se está falando. No ano passado, na grande feira de Telecomunicações realizada aqui em Genebra, o *Le Temps*, um jornal suíço muito respeitado, num artigo sobre as novas tecnologias apresentadas nesse evento, escreveu que: “Todos precisamos de um visiphone portátil mas ainda não sabemos disso”.

Victor Lebov, um analista de varejo norte-americano, disse no período pós-segunda guerra que: “Nossa economia extremamente produtiva ... exige que façamos do consumo um modo de vida, que transformemos a compra e o uso de bens num ritual, que busquemos a satisfação espiritual, a satisfação do ego no consumo... Precisamos consumir, queimar, gastar, repor e descartar, e num ritmo cada vez maior”. (Citado por Alan Thein Durning, *How much is Enough?* Norton, N.Y. 1992, págs. 21, 22).

Alan Durning chega a dizer em seu livro *How Much is Enough?* que: “Medindo em dólares, as pessoas do mundo consumiram tantos bens e serviços desde 1950 quanto as gerações anteriores todas somadas”. (*ibid.* pág. 38) Mesmo que haja uma margem de erro de 50% para esta estimativa, continua sendo um indício espantoso de nosso modo de vida de desperdício.

Carlos Emediato me pediu para abordar o tema da simplicidade voluntária como um dos pilares da cultura planetária. Simplicidade é um tema que adoro partilhar, pois a simplificação de meu estilo de vida vem trazendo ao longo dos anos cada vez mais alegria para minha própria vida. Contudo, para evitar mal-entendidos sobre o significado do termo, gostaria de citar a modesta e estimulante publicação trimestral de Erika Erdman: *Humankind Advancing*.

"Simplicidade... não é sacrifício. Não é privar a vida de alegria. Ao contrário, simplicidade evita o lastro supérfluo que impede a alegria. É concentrar-se no que é mais essencial, mais belo, mais valioso. Ela não empobrece a vida, enriquece.

Ainda mais bela é a simplicidade interior. A mente, rejeitando o atravancamento da estimulação excessiva, torna-se consciente do que é essencial. A vida passa a ser sentida como um dom renovado, e o crescimento interior leva a uma serena exaltação que não pode ser comprada por dinheiro nenhum. A habilidade de lidar com problemas difíceis, ter novas percepções, verdadeiramente apreciar a amizade e o amor são apenas algumas das conseqüências desse crescimento. A simplicidade não é sacrifício, é uma varinha mágica que transforma o mundo." (*Humankind Advancing Newsletter*, 4 de out. de 1993, pág. 2, editorial)

Aliás, essas três palavras "atravancamento de estimulação excessiva" são a síntese mais incrível que já encontrei para a nossa sociedade de consumo, razão pela qual o desatravancamento da mente é o primeiro passo para a simplificação de nossa vida.

John Wilberforce, um quaker inglês, membro do parlamento e fundador da Sociedade Britânica Anti-Escravagista no final do século 18, disse que: "Aquele que tem coração para ajudar tem o direito de criticar", por isso não gastarei nosso tempo no exercício fácil e dúbio de malhar o consumo. Estaria certamente ensinando o Pai Nosso ao vigário se o fizesse!

É importante ter a consciência de até que ponto a propaganda e programas de televisão do tipo *Dynasty* representam os principais elementos construtivos da cultura mundial emergente. O norte-americano médio vê 10.000 comerciais em cada uma dessas séries de TV, a maioria deles com a mesma mensagem maliciosa e hipnótica: "Eu (o produto) sou a solução material imediata para o seu problema de desejo". Regis Mc Kenna, um guru mundial do marketing de Palo Alto, Califórnia, afirmou categoricamente que os consumidores querem tudo, imediatamente, e estão certos nisso. (Entrevista à publicação suíça semanal *Construire* de 5 de out. de 1999) Esta é a cultura

da gratificação instantânea, que está conquistando o mundo. Você sabia que uma nova filial do Mc Donalds está sendo aberta a cada cinco horas em algum lugar do planeta, sendo quatro fora dos Estados Unidos (cinco por dia)?

Um grande desafio na área da simplicidade voluntária é o de partilhar este conceito com os mais jovens, muitos dos quais, no Ocidente, jamais conheceram nada que se parecesse com frugalidade. Entre as crianças e adolescentes é exercida uma tremenda pressão pelos pares no sentido da conformidade, e isto obviamente inclui estilos de consumo. Uma criança ou adolescente que não se veste, consome e comporta como seus pares, logo se sente marginalizado. Como abordar esta questão? Muitos pais com os quais conversei se sentem desanimados. Acredito que um novo tipo de educação espiritual leiga (em contraposição à educação religiosa) pode ser parte da solução.

Eu sugeriria a prática da simplicidade voluntária como um antídoto para este seqüestro das culturas do mundo pelo consumismo. Há muito bons argumentos depondo a favor de tal abordagem.

O primeiro é a deterioração continuada do meio ambiente do planeta. Não abordarei este complexo debate agora, mas qualquer cidadão informado sabe que há sinais de alerta soando em muitas partes do mundo: deterioração da água e do solo, perda acelerada da biodiversidade, desflorestamento intensivo, e especialmente os POPs – poluentes orgânicos persistentes – um dos mais graves dentre os maiores riscos ecológicos mundiais, devido a seus efeitos colaterais genéticos – e também um dos menos divulgados.

O segundo é a má distribuição dos recursos. Muitos de vocês conhecem bem a frase de Gandhi: “Vivamos simplesmente para que outros possam simplesmente viver”. Foi estimado que, se o mundo inteiro quisesse viver no padrão suíço, seriam necessários quatro planetas, e se fosse no padrão norte-americano seriam necessários 5 a 13 planetas, sendo que a última destas estimativas foi publicada na revista inglesa *Resurgence*, baseada nos níveis de emissão de CO₂.

O terceiro argumento é o de que aquilo que hoje passa por “progresso” é cada vez mais uma forma de mal-desenvolvimento ou pseudodesenvolvimento, no qual os meios usados para alcançar certos objetivos tornam-se os principais obstáculos para alcançá-los. Poderíamos sintetizar esta tendência dizendo que quanto maior a quantidade consumida, e quanto mais escolhas de consumo, menor a qualidade. Para exemplificar:

Nesta cidade, Genebra, uma das mais ricas do mundo, 44% da população recebe subsídios estatais para pagar seu seguro saúde. Há aqui um médico para cada 149 habitantes, prescrevendo furiosamente remédios aos quais a maioria das doenças está se tornando resistente, segundo a OMS, em relatório publicado na última primavera.

O número de julho/agosto da extraordinária revista *Worldwatch* tem um artigo excelente sobre a fome e a obesidade. Mais da metade da população dos EUA é gorda, um terço é de obesos. A Europa está rapidamente caminhando para o mesmo estado.

Quanto mais carros temos, mais lento o tráfego. No horário de pico do trânsito em Londres, os carros se arrastam à velocidade de uma carruagem dos tempos medievais da própria Londres. Li num artigo, creio que também na *Worldwatch*, que em Bangkok o tráfego fica tão ruim que os viajantes precavidos têm um dormitório no carro. Na Suíça, onde o tráfego de carros na cidade não é dos piores do mundo, para percorrer uma distância de 7 km a bicicleta é mais rápida que o carro. O que explica em parte por que venho usando uma bicicleta há 60 anos e não tenho carro.

Um último argumento que gostaria de mencionar em favor da simplicidade voluntária – e há muitos outros bons argumentos em favor desta prática – é que acho que alcançamos um tal grau de insanidade coletiva no campo do consumo exagerado, e isto tornou-se de tal forma a regra, que não temos sequer noção de quão doentes estamos nesse sentido. Ernest Becker, em seu livro *The Birth and Death of Meaning*, publicado em 1971, escreveu de forma profética: “Se todos vivem mais ou menos as mesmas mentiras sobre as mesmas coisas, não há ninguém para chamá-los de mentirosos. Juntos, eles decretam sua sanidade e se dizem normais”.

A simplicidade voluntária é um antídoto necessário para esta insanidade coletiva. Ela será um componente necessário da nova cultura planetária – tanto por razões de sobrevivência ambiental quanto por razões de realização, contentamento e felicidade pessoais.

Esta simplicidade de forma alguma implica em frugalidade excessiva. Não há regras – graças a Deus – para a simplicidade voluntária. Cada um tem de inventar seu modo de viver com simplicidade. Gosto de dizer que a simplicidade voluntária é apenas um elemento, parte de um padrão mais complexo de CVT – Coerência de Vida Total. Esta diz respeito a outros fatores, tal como a forma como cuidamos de nossa saúde, nosso envolvimento como cidadãos na comunidade local e mundial, a

qualidade de nossos relacionamentos humanos, especialmente com a família e vizinhos, nossa preocupação com o meio ambiente, etc.

Contudo, fundamental para a busca do viver mais simples é a afirmação do *Tao-Te-King*: "Aquele que sabe que tem suficiente é rico". Seu nível de "suficiente" não é o mesmo que o meu. Isto varia em quantidade e qualidade de acordo com a pessoa e a cultura. Em seu grande clássico *Your Money or Your Life*, (Viking, N.Y. 1992 – já existe uma nova edição revista) Joe Dominguez e Vicki Robin deram a melhor definição de "suficiente" que já encontrei. Suficiente, dizem, não significa viver com o mínimo – sobreviver na ultrafrugalidade com uma sensação de orgulho que faz com que todos fujam de você – mas *ter exatamente a quantidade que dá a você satisfação sem excesso*.

Para concluir, confesso que não estou muito otimista, achando que a idéia da simplicidade voluntária irá se espalhar em proporções epidêmicas pelo mundo todo. No entanto, esta não é a questão principal. A questão é: há bons motivos, está certo viver mais simplesmente? O escritor francês Lamartine disse que as utopias são simplesmente verdades prematuras. Acredito que há muitos outros bons motivos para viver mais simplesmente – mas eles só podem ser descobertos na prática. No entanto, tudo no mundo da cultura do consumo aponta na direção oposta.

O filósofo chinês Chuang Tzu disse que o caminho se forma caminhando-se por ele. Então alguém de começar. Pode ser você ou eu. Vivemos num mundo em que o "atravancamento de estímulos" é tão ensurdecedor que pode bem se autodestruir. Momentos atrás o Dr. Lazlo falou das sociedades manipuladoras trazendo retorno cada vez menor. Acho que estamos nos aproximando rapidamente deste ponto – e já chegamos nele em várias áreas.

No dia em que os consumidores puderem ter tudo, o tempo todo, em qualquer lugar, muito barato, instantaneamente e em excesso, talvez – em meio ao alarido de 100 mensagens eletrônicas anunciando a boneca mais perfumada, engraçada, descartável, durável, garantida, sensacional, moderna, nova e barata – eles ouvirão uma voz serena sussurrando no fundo da consciência: Você não precisa de mais coisas para ser inteiro. Você JÁ É inteiro e completo.

THOT

Palestra proferida pelo autor no "Congresso Internacional O Futuro de Nossas Crianças", realizado de 4 a 8 de setembro de 2000, em Genebra, organizado pela Rede de Educação para a Paz, do Instituto de Estudos do Futuro. www.redepaz.com.br

**SUZETE
CARVALHO**

Especialista em
Filosofia do
Direito e Mestre
em Direito
do Trabalho
pela USP.
Conferencista,
Professora da
Associação
Palas Athena.

A ARTE DE PENSAR

Quando nos detemos, ainda que rapidamente, em qualquer período da história da humanidade, salta aos olhos uma das grandes características pelas quais a experiência humana é marcada: a crise. Individual ou coletiva, ela aparece em momentos de grande transformação, nos quais se faz necessária a adoção de novos paradigmas, uma vez que os anteriores já se tornaram ineficientes ou insuficientes para a equação das questões emergentes. A crise é bendita e necessária, portanto, porque proporciona a oportunidade de uma nova visão de mundo, mais condizente com a realidade.

Não obstante, é difícil a sua transposição, porque pressupõe uma revisão de valores e princípios que perturbam as verdades culturalmente estabelecidas, cujos detentores relutam em aceitar, receosos de perder *status*, poder e hegemonia. Nesse ínterim, grassam as seqüelas da transformação desenfreada e não baseada em padrões mentais e éticos adequados, que transparecem nos vários campos da cultura, principalmente o político, o econômico e o social.

Conseqüentemente, esse é o aspecto da crise que se reflete no cotidiano, traduzido num crescente aumento de competitividade, violência, miséria e insegurança, que recrudescem o medo, a submissão e a exclusão em todas as suas formas. Radicaliza-se assim o modelo cultural que herdamos, dualista e fragmentador, que obnubila a nossa visão, impedindo-nos o acesso às chaves da prisão mental e social em que nos escondemos de nós mesmos. Afinal, como diz Júlio Lerner, o que estamos fazendo com o que fizeram de nós?

Pensamento e liberdade – Esse paradoxo da liberdade, fundado no tripé *crise/medo/consciência*, precisa integrar o diálogo fundador do pensamento como arte, passível de ser um dos novos paradigmas a nos auxiliar a superar tanto as neuroses do cotidiano, quanto a esquizofrenia coletiva decorrente da insistência em manter modelos mentais arcaicos. Acreditamos que temos liberdade de pensar, quando na verdade nossos pensamentos são simplesmente reativos, pois estão constantemente a reagir a todo e qualquer estímulo. É muito conhecida a metáfora indiana que apresenta a nossa mente como um macaco louco e bêbado, que pula ininterruptamente de galho em galho.

Um simples som, gosto ou odor, tem o poder de nos transportar no tempo e no espaço, por mais longínquos que sejam, despertando sentimentos adormecidos e gerando pensamentos tantas vezes repetitivos e inoportunos. Assim, não nos permitindo pensar com liberdade, somos de certa forma nossos próprios opressores mentais, atores extremamente eficientes no cumprimento do papel que nos foi reservado por uma cultura patriarcal, moralista e competitiva que, paradoxalmente, ajudamos a construir.

Como ensinam os terapeutas Victor Frankl e Rollo May, a liberdade se encontra no momento da pausa que se estabelece entre o estímulo e a resposta. A meu ver, é exatamente nessa pausa de disponibilidade, que se estabelece o que May chama de “ânimo de prontidão”, e que se encontram também a meditação, a intuição e a criatividade, inacessíveis sem a liberdade. Encontramos exemplos da importância desses momentos também na sabedoria cíclica da natureza, com seu “tempo de espera”, de que falam os pensadores sistêmicos; no *Shabat* da tradição judaica, inspirado no descanso divino do sétimo dia da Criação e até no ditado popular que nos ensina a contar até dez antes de reagir a uma provocação.

De acordo com o rabino Nilton Bonder, “a prática espiritual deste milênio será viver as pausas”. Estas não significam mero repouso ou entretenimento – haja vista a força das pausas na música e no teatro –, mas se traduzem no estar atento à nossa caminhada no mundo, desfrutando sua beleza e enriquecendo seu sentido. Essa atenção é necessária para que possamos ouvir, livre de ruídos, nossa própria voz interior, a voz do silêncio ou do divino em nós e, principalmente, para que possamos ouvir a voz do outro, pois não estamos sós nessa extraordinária viagem.

O italiano Domenico De Masi propõe um “ócio criativo”, como uma espécie de tempo necessário à incubação da criatividade, hoje perdida nos meandros de uma estrutura empresarial obsoleta, que acredita na infalibilidade do *time is money*. Para esse sociólogo, quanto menor o tempo utilizado no ambiente de trabalho, maiores as chances de inovação e produtividade na empresa e maior a qualidade de vida dos empregados. É oportuno acrescentar aqui o ensinamento do psiquiatra e escritor Humberto Mariotti, que entende que “saber conversar é algo que só se aprende quando se é livre”, e mais, que temos de reaprender a dialogar utilizando “nossos espaços de criação”, o que pressupõe, a meu ver, a liberdade de pensamento.

Descoberta a importância da pausa, o segundo passo para a conquista dessa liberdade é passar a prestar atenção também nos condicionamentos que nos aprisionam, repensando nosso modelo mental dualista e excludente, pois a vida é “isso e aquilo” e não “isso ou aquilo”, como fomos induzidos a crer. A compreensão do pensamento como uma arte a ser desenvolvida exige de nós um esforço extra, porque somos herdeiros de uma tradição que entende o pensar apenas como um processo de raciocínio lógico-linear.

Assim, aprendemos que pensar é utilizar um processo matemático e fragmentador que nos leva a “colocar cada coisa (e cada pessoa) em seu devido lugar”: A é igual a A e jamais será B, o que pode levar-nos a raciocínios preconceituosos, realimentados por ditos populares como “quem nasceu pra tostão, nunca chega a milhão”, “quem é bom já nasce feito”, “cada macaco no seu galho” e tantos outros. Esse modo de pensar perpetua categorias arcaicas e dicotômicas como rico/pobre, polícia/bandido, certo/errado, popular/erudito, ganhar/perder, esquecendo que uns, sem os outros, não existiriam ou não fariam sentido.

Biologia, psique e sociedade – Bipolarizar a vida é uma maneira simplista e até simplória de percebê-la e relacionar-se, nesta complexa rede que comporta uma infinita gama de individualidades interconectadas. A compreensão deste inter-relacionamento dinâmico-circular de todas as coisas torna o pensamento uma aventura maravilhosa, que nos permite viajar pelos meandros mentais, redescobrendo conexões criativas e enriquecedoras do ser, do saber e do viver.

Sabemos que o mundo, a vida e o homem são complexos, mas parece que nossos cérebros foram realmente “formatados”, como diz Mariotti, para que nosso modelo mental se possa adequar aos interesses de uma cultura individualista e patriarcal, a quem aproveitam os pensamentos lineares. A experiência humana não tem início com o pensamento, mas com a percepção, que a criança vai desenvolvendo a partir da situação em que é lançada ao nascer. E é de acordo com a maneira pela qual vai percebendo o que a rodeia que se desencadeiam suas emoções e sentimentos, responsáveis pela elaboração dos pensamentos que determinarão seus discursos e comportamentos.

Como diz Jean Piaget, os fenômenos humanos são biológicos em suas raízes, mentais em seus meios e sociais em seus fins, ou seja, só esse todo bio-psico-social inseparável pode dar conta da complexa experiência do ser humano no mundo. Percepções, emoções e sentimentos são subjetivos, pois variam de acordo com a experiência de cada sujeito, motivo pelo qual não se pode ter uma visão objetiva da realidade, mas apenas consensos sociais, dos quais participamos, quer por nossos discursos, quer por nossa aceitação. De acordo com expoentes da biologia da cognição, capitaneados por Humberto Maturana, a realidade é percebida de acordo com a estrutura de cada indivíduo, num dado momento. Essa estrutura é formada exatamente pela configuração bio-psico-social, que por sua vez sofre constantes mudanças, conforme o indivíduo vai interagindo com o meio.

Em geral, essas idéias nos têm sido apresentadas com uma aura elitista que nos assusta pela pretensa dificuldade, pois as questões a que elas se referem são complexas, e não complicadas. Infelizmente, esse fato, aliado à nossa tendência à acomodação, nos mantém distantes da possibilidade de questionar não só a fragmentação e exclusão social que nos são impostas, como nossos próprios sofrimentos interiores. Muito cedo em nossas vidas, somos levados a crer num mundo fundado em verdades inquestionáveis, no qual fomos aceitos apesar de nossa culpa arraigada, sendo que o direito a uma efetiva participação está condicionado a uma disputa sem tréguas pelo poder.

Viver e construir – Nossos pais, ingenuamente, alimentam o processo, incentivando-nos a adotar uma desenfreada competitividade em nossas ações e relações, que cedo ou tarde acabará, na maioria dos casos, sendo substituída por profundo desânimo diante das dificuldades, o que se traduzirá em como-

dismo e submissão ante a ordem já (previamente) estabelecida. E este é um dos pontos principais de nosso tema: não temos de fazer o jogo do poder, pois o mundo não é um *dado*, mas um *construto*, algo que está sendo (re)construído todo o tempo, necessariamente com a participação de cada um de nós. Submeter-nos a esse jogo, cujas regras são modificadas unilateralmente ao sabor dos interesses dominantes, geralmente excusos, é ser conivente com a vilania e a violência simbólica, recursos amplamente utilizados na competitividade predatória a que fomos levados pelo pensamento linear.

Reconhecer isso é estar identificado com a teoria da complexidade, que nada mais é do que um fato da vida. As lições que ela nos dá são de competência e inclusão, como fatores determinantes da sobrevivência, pois vê a vida como uma teia dinâmica de interconexões. É a Teoria do Abraço (*amplexo*, do grego *complexere*) e não da luta. Edgar Morin observa que o pensamento complexo complementa as perspectivas linear e sistêmica, permitindo uma visão que abarca o homem, a vida e o mundo, em suas semelhanças e diferenças, tudo em invisível mas profunda e constante interação. Para esse filósofo, o modelo linear, com suas certezas, dicotomias e imediatismos, e o padrão sistêmico, que explora as conexões entre as partes e destas com o todo, se conjugados, propiciam o florescer de um pensamento mais rico em opções, que permite visualizar novos horizontes em nossa percepção de mundo.

Infere-se daí que o pensamento linear tem sua importância, especialmente nas questões mecânicas e didáticas, mas é a abordagem sistêmica, como lógica do diálogo, baseada na abordagem relativística de um mundo *sendo* construído, que nos aproxima da complexa realidade. Enquanto o linear é indispensável para iniciar diálogos, o sistêmico nos fornece os princípios fundadores de um mundo mais adequado à realidade que conhecemos: incerteza, inseparabilidade, interdependência e complementaridade de todas as coisas.

Em suma, importa compreender que o mundo tem saídas, sim, já que também somos responsáveis pela construção da cultura em que vivemos. Essa compreensão passa pelo entendimento de que são as emoções e sentimentos, desencadeados pela nossa percepção de mundo, que geram nossos pensamentos. Estes nos levarão a participar de "redes de conversação" (conceitos, discursos, comportamentos) que formam a cultura (Maturana), que, por sua vez influenciará nossas percepções, que gerarão emoções, etc., numa relação dinâmica de

circularidade. Conseqüentemente, haverá uma constante modificação de nossa estrutura, o que entretanto não significa desorganização do sistema. O que se deixa abalar, muitas vezes, é a auto-imagem construída pelo ego – nossa instância relacional – que se submete às exigências de um cotidiano carregado de competitividade, culpas e medos.

Estou convicta de que esse quadro pode ser revertido, e também de que as armadilhas que o pensamento padronizado e repetitivo coloca em nosso caminho podem ser facilmente detectadas e desarmadas. Basta um pouco de atenção ao interno e ao entorno, suas necessárias relações, seus necessários paradoxos. Há que dar asas à imaginação criadora (não à fantasia), fazendo-a aliar-se ao conhecimento; jogar fora o *script* repetitivo e estressante e ousar encarar nossas limitações e potencialidades; saber rir de si mesmo e do mundo, sem ressentimentos; evitar padrões de comportamento discriminatórios, moralistas, conformistas; não ter medo de inovar ou ser diferente; reaprender a pensar e a dialogar respeitando o tempo de espera e o ritmo de cada um, inclusive o nosso.

Pontos de alavancagem – Cada um de nós saberá, melhor que ninguém, onde se escondem suas próprias potencialidades reprimidas ou “pontos de alavancagem”. Cada um de nós é, portanto, a pessoa mais indicada para escolher os processos adequados à interpretação e libertação dos condicionamentos que a mantêm aprisionada. Geralmente, nem sequer temos consciência de nossa condição de prisioneiros, condicionados que estamos a repetir exaustivamente conceitos externos, que introjetamos desde a mais tenra infância, sem que tenhamos tido oportunidade de elaborá-los.

Uma das formas de transformação desse quadro é a desmistificação do autoconhecimento, que nos tem sido frequentemente apresentado como um tabu, somente realizável por iniciados em mistérios de várias ordens. Autoconhecer-nos nada mais é que estar atentos a nós mesmos, nossas ações e reações, nossas emoções e pensamentos, nossas dificuldades e potencialidades, tentando não usar parâmetros ou critérios de julgamento e, de preferência, utilizando as citadas pausas de disponibilidade ou momentos de silêncio interior.

A prática constante da meditação me parece a maneira mais confiável e eficiente de buscar o autoconhecimento. Além de propiciar o diálogo com o divino em nós e o reconhecimento de nosso lado escuro (pois onde há luz há sombras), ela pode

ser estendida ao cotidiano, como estado de espírito que abre nossos olhos ao conhecimento, muitas vezes por meio de sincronicidades ou *insights*.

Ficamos assim mais propensos a compreender melhor tanto as questões fundamentais da vida como nossa própria participação na criação dos problemas e soluções do dia-a-dia, de acordo com nossa estrutura. Nesse diálogo conosco mesmos, torna-se mais evidente a necessária correlação entre o sentir, o pensar e o agir, para a harmonização dinâmica de nosso organismo. É pelo sentir que estabeleceremos o ritmo necessário à elaboração do pensar e, em consequência, da forma pela qual atuaremos no mundo, com nossos discursos e comportamentos. Nessas atividades incluem-se todas as formas de manifestação artística, seja como construtoras da cultura, compensadoras dos desequilíbrios ou em seu extraordinário papel na elevação da alma.

Se considerarmos a interconexão que se estabelece entre ritmo (percepção, compreensão, harmonização), forma (elaborações mentais) e movimento (inter-relacionamentos), como algo natural, estaremos mais aptos à compreensão do mundo como uma imensa e complexa rede relacional, da qual fazemos parte, saibamos disso ou não. Toda participação, por mínima que seja, gera modificações e responsabilidades (ainda que relativas) que nos dão a oportunidade de elevar o nível de consciência, crescendo como seres humanos, partícipes interativos do mundo vivido.

Como toda arte ou experiência, o exercício do pensar criativo (ou do lúdico) é sempre acompanhado de riscos que requerem coragem e ousadia, pois quanto menor o medo de se expor maior a autenticidade da participação e melhores as chances de bons resultados, ainda que parciais. Sabedores, porém, de que ninguém pode fugir da condição humana, há que reconhecer e trabalhar pacientemente os pontos de ruptura ou desagregação do sistema, que vão do medo à inveja, do ressentimento à agressividade e a tantos outros venenos do espírito. Mas é também da condição humana a capacidade de autoprodução de antídotos, como coragem, compreensão, tolerância, compaixão. Saber utilizar essas e outras potencialidades faz de cada um de nós seres únicos, insubstituíveis, jamais descartáveis.

Pensar criativamente é acrescentar ao raciocínio lógico elementos conciliadores como a imaginação, o mito, o sonho, a utopia, a sincronicidade, os ritos, a meditação e os *insights*,

como instrumentos de compreensão e significados tão importantes quanto os conhecimentos científicos. Para isso, faz-se necessária uma boa pitada de ousadia e irreverência, autenticidade e alegria, qualidades indispensáveis a uma formulação mais estética do viver, cuja beleza se perde na superficialidade alienante e conformista do cotidiano.

Essa reciclagem mental deve ser encarada sem perda da lucidez crítica nem da intuição, integrando ciência e imaginação criativa, intelecto e emoção, pois todos falam da mesma coisa. A liberdade de pensamento e expressão, fundada no diálogo franco entre os seres e os saberes e na ressacralização da vida, implica em transformação que abre horizontes à nossa percepção do mundo, apontando saídas para os problemas que inadvertidamente ajudamos a criar.

Metaforicamente, pensar com criatividade é como começar a subir uma montanha, em cujo sopé estávamos acomodados há muito tempo. Durante a subida nos exporemos a alguns riscos, mas à medida em que formos perdendo o medo e superando as dificuldades encontraremos novas energias. Ao alcançar o ponto mais alto, depararemos com uma visão panorâmica e uma sensação de liberdade indescritíveis. A amplitude da vista nos ajudará a distinguir saídas e possibilidades jamais imaginadas.

THOT

SUGESTÕES DE LECTURA

MARIOTTI, Humberto. *As Paixões do Ego: Complexidade, Política e Solidariedade*. São Paulo: Palas Athena, 2000.

NEEDLEMAN, Jacob. *Dez Ensaios Sobre o Paradoxo Humano: Rumos Para a Conciliação Entre Consciência e Tradição*. São Paulo: Pioneira, 1996.

LERNER, Júlia, (ed.). *O Preconceito*. São Paulo: IMESP, SP, 1996/1997.

Arnaldo Bassoli Jr.

é psicoterapeuta, consultor de desenvolvimento pessoal e organizacional e professor. É membro do Grupo de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico da Associação Palas Athena, em São Paulo.

VIOLÊNCIA, LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

Muitos descrevem a situação mundial como à beira do caos ou colapso. Fala-se também na necessidade de tomada de consciência e de ações coerentes para lidar com aspectos críticos, como a pobreza, a violência e o esgotamento dos recursos naturais. Mas essas ações são de natureza complexa e dependem da colaboração de vários segmentos ou setores da sociedade. Nossas sociedades vêm progressivamente deixando de lado o aspecto ético do acolhimento e do abrigo, e adotando a estrutura rígida baseada na moral estanque, repressiva e plena de regras. Em geral, os indivíduos estão muito pouco conscientes das razões da adoção de tais regras.

Há dois aspectos importantes que podem contribuir para que compreendamos melhor a situação psíquica e social dos tempos que atravessamos, a violência que presenciamos no dia-a-dia, a pobreza e a sensação geral de frustração e perplexidade que nos invade, quando nos confrontamos com dados que descrevem o momento atual. Tais aspectos são a situação mundial no pós-guerra e a questão da liberdade humana.

Todos sabem que o século vinte foi o século das guerras mais sangrentas da história. Aproximadamente cem milhões de pessoas morreram nesses cem anos, em dois conflitos mundiais e em mais uma infinidade de guerras locais. A tecnologia de armamentos se desenvolveu a ponto de podermos destruir completamente o planeta várias vezes. Em determinada ocasião – na crise dos mísseis de Cuba, em 1962 –, estivemos por um fio: fomos literalmente salvos pelo gongo de uma virtual

extinção da espécie. No entanto, creio que a criação de aparatos tecnológicos não é senão uma exteriorização de conflitos internos que vivemos, no passado e atualmente, com seus desdobramentos e conseqüências. É desses conflitos que falarei.

A humanidade não vive – nem viveu, em qualquer momento de sua história –, sem conflitos. O homem é, por excelência, um ser de conflitos: um ser que é a ligação entre o céu e a terra, entre os valores celestes e de potencial infinito, e aqueles determinados por sua condição biológica e animal. É um elo entre natureza e cultura. Assim, quando falo de conflito não estou querendo dizer que algo de anormal ou errado esteja acontecendo: digo que são situações que se apresentam ao homem, que ele apresenta a si próprio e que pedem um posicionamento.

Um século atormentado – No início do século 20 o mundo podia ser descrito, grosso modo, nas linhas gerais que se seguem.

Na política, havia o chamado “mundo civilizado” – a Europa –, que se considerava o berço da civilização e dos valores mais nobres, e várias nações colonizadas e exploradas economicamente por ela. Os Estados Unidos ainda não tinham a posição e o poderio econômico e militar de hoje, embora já fossem muito fortes. Isolavam-se e pretendiam prosperidade para si mesmos, o mais longe possível dos problemas externos. Pouco contato havia com muitas nações do Extremo Oriente. Parte delas era colonizada e parte era explorada, sem no entanto serem consideradas politicamente colônias de nenhuma nação ocidental.

O espírito político era nacionalista. Não existia nenhum foro para discussão de problemas internacionais. A resolução de conflitos consistia em negociações que sempre privilegiavam os mais fortes. Na filosofia, as idéias eram positivistas – a razão humana certamente triunfaria e com a ordem viria o progresso. Era o que rezava a cartilha da modernidade: tudo teria solução. O que não fosse resolvido imediatamente poderia vir a sê-lo com o tempo, à medida que o progresso continuasse. O homem acreditava poder dominar a natureza e colocá-la a seu serviço. A industrialização chegava à linha de montagem, ao automóvel, ao avião. As possibilidades de crescimento pareciam ilimitadas, mas muito poucos percebiam o preço social disso, bem como os danos à natureza – preços que seria necessário pagar para manter o crescimento industrial.

Os valores da cultura européia civilizada envolviam uma tal crença no poderio do homem para dominar e “resolver” as

situações conflitivas que, às vésperas da Primeira Grande Guerra, escreveu-se na França que com o progresso recente da civilização seria um absurdo investir em armas, já que era óbvio que nações tão civilizadas jamais entrariam em guerra novamente.

É claro que essas crenças constituíam uma temeridade. Não foi à toa que Freud foi crucificado quando começou a dizer que havia um inconsciente, que existiam dimensões que comandavam o nosso comportamento e não fazíamos idéia disso – ou seja, que não éramos mais os donos da nossa própria casa. A onipotência logo se revelaria um terrível engano: um conflito sangrento eclodiu em 1914, por disputas econômicas, mas também pelo inevitável confronto com a realidade que se segue a toda arrogância, a toda desproporção, a toda *hybris*.

Esse conflito foi uma punhalada mortal na pretensa superioridade da mente europeia. O resultado foi totalmente irrelevante para o que queriam os vencedores: não só não conseguiram, a médio prazo, suplantam os vencidos, como acirraram terrivelmente os ânimos. Provocaram uma imensa deterioração econômica e, ainda por cima, tiveram de testemunhar o aparecimento, na Rússia, de um regime socialista que era a antítese de tudo o que pregavam o conservadorismo e a ortodoxia ocidental.

Em pouco tempo, a Alemanha era dominada por uma onda irresistível de ódio e paixão que acabaria no nazismo. Talvez esse período tão breve de paz venha a ser considerado no futuro não um hiato entre duas guerras, mas apenas uma cessação temporária de hostilidades, que logo foram retomadas. A Segunda Guerra Mundial, ainda mais sangrenta, pode ser considerada quase que uma continuidade desse conflito apaixonado, que dera seus primeiros sinais cerca de vinte anos antes.

Todos sabemos como acabou essa guerra. Ponhamo-nos na pele dos europeus, os “donos” da civilização, que julgaram ter atingido a idade da razão e pensavam já ter maturidade suficiente para nunca mais ter de recorrer às armas. E, de repente, milhões de pessoas são mortas, torturadas, desaparecem, num espetáculo de ódio jamais imaginado. E mais: o mundo acabou dividido em dois blocos antagônicos, que logo se engajaram numa “guerra fria”, armados até os dentes e com a possibilidade de varrer da face da Terra, de uma hora para a outra, todas as cidades médias e grandes do planeta, e torná-lo inabitável para os sobreviventes.

Como viver sem saber se haverá um amanhã? Como cultivar qualquer coisa que necessite de um prazo, se não se sabe se

haverá esse prazo? Escrevi que na década de sessenta estivemos à beira de uma tragédia. Recentemente, veio à luz o fato de que o lançamento dos mísseis americanos em direção à União Soviética chegou a ser ordenado, mas foi adiado por uma noite. No dia seguinte, em meio a negociações de que o próprio Papa participou, decidiu-se voltar atrás. Mesmo que as pessoas não soubessem conscientemente o que estava acontecendo, no inconsciente tudo isso estava presente. Viviam-se sem qualquer perspectiva segura de sobreviver até o dia seguinte.

Como era, então, que as pessoas se comportavam? Ora, se não há amanhã vamos viver tudo o que pudermos hoje. Não importa que estejamos produzindo poluição, destruindo o meio ambiente. Quem liga? Não importa que estejamos produzindo armas e gastando com elas um dinheiro que poderia resolver talvez a totalidade dos problemas de fome e saúde do mundo inteiro. O que interessa é a "segurança" que isso traz. Vamos viver agora tudo o que quisermos, porque poderemos não estar mais aqui amanhã. Consumismo, imediatismo, falta de valores de longo prazo, massificação, exploração desenfreada. Já que é tão difícil confiar, já que os relacionamentos envolvem tanto perigo, é melhor encontrar outra maneira de gratificação. Compras. Poder. Narcisismo.

Narciso e a infância – Vale a pena parar um pouco aqui, para entender melhor o narcisismo. Façamos uma digressão, para examinar o desenvolvimento psicológico da criança e o mito de Narciso.

Sabemos que as experiências de uma criança começam muito antes do nascimento. Ela tem vivências intensas quando ainda está no útero da mãe. Então ocorrem o parto e o nascimento biológico. Mas a criança continua dependente da mãe, nos planos físico, afetivo e existencial. Quer dizer: o nascimento psicológico de um ser humano não se dá junto com o biológico. O bebê continua como que um apêndice da mãe e dos sentimentos dela. Ela é o seu universo, até que aos poucos começa a dar-se a separação, ou seja, a criança começa a sentir-se um outro. Até então mãe e criança eram, por assim dizer, um só. Na natureza, talvez sejamos a espécie que precisa de mais tempo para o nascimento psicológico. Talvez haja até quem nunca se separe verdadeiramente da mãe.

É possível pensar que esse esquema pode nos contar, a grosso modo, como acontece o desenvolvimento da criança. Primeiro ela nasce, mas continua "fundida" com a mãe. Aos poucos,

desenvolve o seu ego e se separa dela, que representa a totalidade. Isso toma boa parte da infância, adolescência e início da vida adulta. Se tudo correr bem, estabelecemo-nos como indivíduos, seres autônomos com um ego formado: "Sou fulano de tal, sou casado ou não, tenho filhos ou não, moro aqui, trabalho lá, gosto disso, não gosto daquilo, me atrapalho aqui, me dou bem ali".

Na fase seguinte, de maturidade, percebemos que tudo o que era assim tão importante, tudo o que o ego nos dizia que era essencial, muda de figura: notamos que há coisas muito mais essenciais, que dizem respeito ao papel que temos na comunidade, papel esse que ultrapassa a nossa dimensão egóica. Há então uma reaproximação dos valores universais – que são mais abrangentes que os do ego – e o desenvolvimento da maturidade se dá na direção de uma progressiva integração num todo maior. Esse todo pode ser compreendido de vários modos: espirituais, religiosos, naturais, filosóficos, sociais, familiares, profissionais etc. A existência da comunidade é um fator primordial.

Essa é uma descrição muito breve do lado psicológico do desenvolvimento de uma pessoa. Contudo, em cada um desses estágios há conflito, e dessa maneira podemos ficar "fixados" em qualquer um deles, sem poder prosseguir. Em suma, o desenvolvimento fica estagnado.

O fator principal que pode concorrer para o desenvolvimento ou sua cessação é o amor. Se a mãe tem segurança e amor em relação ao filho, comunica-lhe isso por meio de sua linguagem corporal. Ou seja, os desconfortos do filho são, na medida do possível, atendidos; os conflitos chegam a uma resolução satisfatória; e a sensação predominante, na matriz psicológica do nosso ser, é de bem-estar, amor, amplidão, potencial para crescimento – numa palavra, presença ou segurança ontológica. Este último termo foi proposto por Ronald Laing. Quando há amor o organismo pulsa, as células interagem com o meio ambiente, conseguem os nutrientes de que necessitam e a vida continua.

Mas se a mãe está tensa, desnutrida, carente de afeto, o filho "herdará" essa matriz, que terá como sensações principais a ansiedade, a tensão e a dificuldade de crescer – numa palavra, ausência, ou insegurança ontológica. Trata-se de uma matriz em que há ambivalência, em que existem ao mesmo tempo o sim (afeto) e o não (desafeto). E toda ambivalência, todo talvez, são sentidos psicologicamente como um não em vez de

um sim. São percebidos como ausência, em vez de presença. A existência de um conflito significa derrota, fracasso, e não a possibilidade de crescimento. Acima de tudo, existe o medo.

Medo e fechamento – Nas células, o medo produz contração, fechamento, enrijecimento, diminuição da permeabilidade da membrana. Tudo isso faz com que diminuam as trocas com o ambiente. A tática é fechar-se para enfrentar o perigo, tentando expulsá-lo, excluí-lo do sistema vital. Entrar em guerra para acabar com o inimigo. Ao sabor dessa metáfora bélica, os “democratas” querem acabar com a ameaça dos “socialistas”, que por sua vez afastaram a ameaça dos nazistas, que queriam extinguir a ameaça dos judeus, dos ciganos, dos negros, dos estrangeiros e assim por diante.

Parece, então, que quando falamos de guerra, de violência, estamos nos referindo a sintomas de uma estrutura frágil, psicologicamente carente, que é incapaz de incluir um conflito e precisa, portanto, eliminá-lo por não saber lidar com ele. Aqui fica patente que a ética, em termos amplos, é a expressão de uma postura psicológica de abertura para as diferenças. Esse é o único modo de lidar com elas sem ter de excluí-las.

As sociedades primitivas tinham muito claro esse mecanismo. A coesão simbólica era fornecida por rituais mágicos, muito pouco conscientes. E assim se expulsavam os desviantes. Mas os que eram expulsos podiam, por sua vez, celebrar outros rituais que lhes fossem mais adequados, criar o seu próprio grupo. Em última análise, esse processo de expulsão era também um mecanismo da natureza ou da sociedade, que visava garantir a diversidade cultural.

Voltemos à nossa situação atual. Pensemos na ameaça de destruição que o homem enfrentou e ainda enfrenta. Falemos agora do mito de Narciso. Todos conhecem um pouco a história do belo jovem que se apaixonou pelo seu reflexo no lago e morreu por não conseguir se afastar dele. Os pormenores são muito interessantes.

O mito de Narciso – Narciso era um jovem de grande beleza. Por ser tão belo, todas as jovens que o viam queriam-no para si, mas ele não queria nenhuma delas. Não tomava conhecimento nem mesmo das mais lindas, por mais que elas tentassem fazer-se notar. As jovens nada significavam para ele, que não se deixou comover sequer pelo triste caso de Eco, a mais bela das ninfas.

Ela era uma das favoritas de Ártemis, a Deusa da Floresta e das Criaturas Selvagens. Mas caiu no desagrado de uma deusa ainda mais poderosa – Hera –, sempre envolvida em sua ocupação de tentar saber o que acontecia com Zeus. Desconfiou que ele estivesse apaixonado por uma das ninfas, e resolveu observá-las para ver se descobria qual havia sido a escolhida. A alegre conversa de Eco, porém, distraiu-a imediatamente de suas investigações. Enquanto a ouvia, as outras ninfas afastaram-se silenciosamente, e assim Hera não conseguiu chegar a conclusão alguma sobre o objeto da afeição de Zeus. Voltou-se então contra Eco, e a ninfa passou a ser mais uma das jovens infelizes a sofrer os castigos que costumava impor. A deusa condenou-a a nunca mais usar a língua, a não ser para repetir o que lhe fosse dito. “Será sempre tua a última palavra”, disse, “mas não serás jamais a primeira a falar”.

Era um castigo muito pesado, que se tornou ainda pior quando Eco, a exemplo do que acontecia com todas as outras jovens, apaixonou-se por Narciso. Era capaz de segui-lo por toda parte, mas não conseguia dirigir-lhe a palavra. Como seria possível, então, fazer com que um jovem que nunca olhava para mulher nenhuma lhe prestasse atenção? Um dia, porém, achou que sua oportunidade tinha surgido. Ele estava chamando pelos companheiros, e perguntava: “Há alguém aqui?”, quando ela então respondeu: “Aqui... Aqui”. Ainda estava oculta pelas árvores, mas Narciso exclamou: “Vem!”, que era exatamente o que ela desejava dizer-lhe. Eco então respondeu, alegremente: “Vem!”.

Contudo, ao sair do bosque, com os braços estendidos na direção de Narciso, viu que ele lhe dava as costas. “Não”, disse, “prefiro a morte a submeter-me ao teu domínio”. Ao que ela pôde apenas responder, em tom de súplica: “Submeter-me ao teu domínio”. Narciso, porém, já havia desaparecido. Eco foi esconder a vergonha em uma caverna solitária, para sempre inconformada. Vive ainda em lugares assim e conta-se que, de tão arrasada pela saudade, a única coisa que lhe restou foi a voz.

Depois disso, Narciso continuou com sua trajetória de crueldades, sempre zombando do amor. Por fim, uma das jovens por ele repudiada fez uma prece que foi atendida pelos deuses: “Que aquele que não ama ninguém venha a apaixonar-se por si próprio”. A grande deusa Nêmesis, cujo nome significa “ira justa”, encarregou-se de fazer com que esse pedido se concretizasse. Ao se debruçar sobre as águas límpidas de um lago, para beber, Narciso viu sua imagem refletida. No mesmo

instante, apaixonou-se por si mesmo. “Agora sei”, exclamou, “o quanto os outros têm sofrido por mim, pois o amor pela minha própria pessoa me incendia o coração. E no entanto, como poderei alcançar todo esse encanto que vejo refletido na água? Não tenho forças para abandoná-lo, e só a morte me poderá libertar.”

Foi o que aconteceu. Narciso foi definhando aos poucos, perpetuamente debruçado sobre o lago, com o olhar fixo no reflexo de sua imagem. Eco estava por perto, mas nada podia fazer. Ao morrer, ele se olhou pela última vez e exclamou: “Adeus! Adeus!”, e teve suas últimas palavras repetidas pela ninfa.

Dizem que quando a alma de Narciso atravessou o rio que circunda o mundo dos mortos, debruçou-se do barco em busca de um último relance de sua imagem refletida nas águas. As ninfas das quais ele havia zombado em vida foram-lhe generosas na morte e tentaram em vão encontrar seu corpo para enterrá-lo. No local onde ele morrera, desabrochava uma nova e encantadora flor, à qual elas deram o seu nome.

O amor ausente – A história de Narciso não é um relato de amor por si mesmo, mas um conto de vingança. Não é uma história de auto-estima bem desenvolvida, mas de falta dela. É uma lenda de falta de amor por si próprio e pelos outros – uma narrativa de falta, que termina num pretense amor que traz na verdade a destruição.

Se olharmos para as interações amorosas do nosso mundo hoje, veremos que muitas delas caem nessa dificuldade de encontrar o outro, de ao menos vê-lo, perceber como é, o que sente. Veremos a dificuldade imensa de parar de girar em torno do nosso próprio umbigo. Tomemos a maioria dos modelos aceitos socialmente e amplamente divulgados pela propaganda e pela imprensa. Se os observarmos com atenção, perceberemos que são maneiras de situar-se fora, ou pretensamente acima, da condição humana. Todos querem ser modelos admirados, todos querem ser diferentes, mais inteligentes, mais sensuais ou seja o que for. Não será isso uma tentativa de repetir, no mundo externo, o modo ineficaz com que tentamos internamente nos admirar, em vez de aprender a amar e a ser amados?

Esse espírito de insegurança e ameaça levou também à chamada “liberação sexual”. Já que não sabemos o que vai acontecer, por que pensar a longo prazo? Vivamos tudo agora. Se os valores tradicionais levaram a tamanha destruição, que bem

podem trazer? Criemos uma nova moral sexual – não uma nova ética, mas uma nova moral. “Cada um na sua, mas com alguma coisa em comum.” “O que eu quero é levar vantagem em tudo, certo?” Tudo aquilo que podia trazer alguma intimidade na relação, e que é afinal o substrato real dessa relação – os sonhos, os planos, as afinidades, o afeto, o cuidado, a noção de tempo e de crescimento, a tolerância –, tudo isso passa a ser considerado “secundário” e portanto “descartável”.

Consumir, transar, amar a si próprio – e, de quebra, competir. Sim, porque o bloco contrário quer a sua cabeça; o seu chefe a tem e não quer perder a posição; a companhia quer destruir as concorrentes; e assim por diante. Chegamos, bem depois da Guerra, a uma tendência mundial inequívoca de concentração de renda e manipulação de recursos. Qual é o mito que está junto a isso? O da competitividade.

É isso que vivemos hoje em dia. Somos muito mais competitivos, narcísicos, consumistas e imediatistas do que pensamos. Sabemos, racionalmente, que algo está errado. Mas certamente desconhecemos a extensão dos riscos a que estamos expostos. O mundo se transformou num jogo de recursos que manipula a nutrição de bilhões de pessoas, deixando boa parte delas carente de um ou outro aspecto básico para a sobrevivência. Jogamos até sem saber que estamos jogando.

Observem o que vem acontecendo nos lugares mais inesperados. Pequenas cidades litorâneas ou do interior, pequenas empresas, todas aderem à “modernização”, com o objetivo de atrair as pessoas “que têm dinheiro”, os “executivos”. Parece óbvio que um número cada vez maior de pessoas se prepara para agradar ou para servir a uma minoria cada vez menor: A idéia tradicional de “a cada um conforme o seu merecimento” está sendo substituída pela competição, cujo modelo mais próximo é o do jogo em que tudo depende do acaso.

Num jogo pode-se ganhar – o que é uma sensação de “sim”, de afirmação, ou perder – o que é uma sensação de “não”. Entretanto, em termos amplos, a ambivalência significa, psicologicamente, uma sensação de “não”: não-satisfação, não-saciedade, não-realização, não-felicidade. É o que temos hoje como pano de fundo. Aparentemente, ninguém está sendo coagido a nada. É tudo uma questão de “leis do mercado”. É claro que não interessa trazer à tona os aspectos sombrios do nosso Eldorado.

Convém não sermos onipotentes. Precisamos parar de crer que podemos tudo. Mas será que submetermo-nos assim às

“leis do mercado”, transformadas numa espécie de jogo do destino, enfrentá-las com armas de poder e sedução, é uma boa saída? Parece ser exatamente a mesma onipotência, a mesma falta de amor, só que agora às avessas. O individualismo erradamente concebido, o nacionalismo equivocadamente ultrapassado nos levam a uma pretensa confiança nos “mecanismos sociais”. No entanto a ansiedade, a sensação de vazio, a violência que nos cerca, a falta de equidade, a inconseqüência na administração dos recursos naturais e humanos – tudo isso nos diz que precisamos, no mínimo, fazer um bom ajuste em nosso curso.

De volta aos valores – A pergunta a ser feita agora é: será que temos a possibilidade de mudar esse quadro? Somos livres para isso? Retomamos aqui a questão dos valores. É evidente que não se trata de culpar o mundo externo pelos nossos sofrimentos. É também óbvio que as mudanças significativas nas instituições sociais não se darão enquanto não modificarmos nossos valores como indivíduos, como pessoas – enquanto não modificarmos aquilo que rege o nosso comportamento consciente, diário, e o nosso desenvolvimento psicológico. Não acabamos de compreender que vivemos uma competitividade inconsciente?

Tudo isso nos remete ao segundo grande tema deste artigo – a liberdade. Ela é um dos grandes mitos da democracia moderna, da cultura ocidental e americana. Que tal a grande Estátua da Liberdade, na entrada de Nova York, nos Estados Unidos, a terra da oportunidade? A propaganda nos atinge diariamente, informando que a felicidade está em sermos livres, em poder comprar o que quisermos, ir aonde quisermos, fumar na hora em que quisermos, sentir “emoções fortes” na hora que quisermos. Tudo aponta para a concepção mais comum de liberdade: a de que o melhor que podemos almejar é o estado em que não há limites ao possível. Mas será inquestionável essa concepção?

Antoine de Saint-Exupéry tem um belo conto em seu livro *A Cidadela*. Nele, um homem decide que quer ser livre e começa a se perguntar se realmente o é na casa onde mora. Olhando para as paredes, sente que sua verdadeira vocação de liberdade está para além delas, que elas são uma limitação amarga e que tem, portanto, de se livrar dessas fronteiras. E põe abaixo uma por uma, só para descobrir-se no final do dia sem nada, no meio de um deserto que vai de horizonte a horizonte, sem possibilidade de sobreviver à noite que se aproxima.

O problema é que sempre pensamos linearmente, e associamos a liberdade a uma ausência de limites ou restrições. Mas investiguemos um pouco mais a fundo o significado dessa palavra. "Liberdade" vem da raiz *leudh*, que significa "elevar, elevar-se". Em qualquer estudo etimológico que fizermos, observaremos que a idéia principal não é a de eliminar limites, mas de alçar-se acima deles, encontrar a sua superação. E "superar", aqui, de modo algum significa destruir.

Se a liberdade não é uma ausência ou destruição de limites, que relação tem com eles? Podemos dizer, fundamentalmente, que não há liberdade sem limites, não há liberdade sem determinismo, não há liberdade sem destino. Aqui as palavras "limites", "determinismo" e "destino" são sinônimos, traduzem o mesmo conceito. Liberdade e destino são as duas faces de uma mesma moeda. Afinal de que liberdade falamos, se sabemos que nossa existência é finita, que vamos morrer?

Imaginamos que quanto mais desafirmos nossos limites reais mais livres nos tornaremos. Obviamente não é possível fugir ao determinismo da morte. Mas podemos descobrir significados muito mais profundos para a vida, se refletirmos e percebermos que ela é finita, portanto preciosa e por isso digna de ser vivida com intensidade, com valores que tornem presente a nossa humanidade em suas múltiplas dimensões. Ao contrário de limitar a liberdade, o destino a realça. Em vez de acabar com ela, é exatamente o destino que a torna possível.

Lembremos o mito grego de Orestes. Ele era filho de Agamenon, general dos exércitos gregos na guerra de Tróia, e Clitemnestra. Pai e filho foram à guerra e a esposa-mãe ficou esperando na Grécia pelo seu retorno. Mas a expedição demorou tanto tempo que eles foram dados como perdidos. Assim, a partir de determinado momento, Clitemnestra passou a considerar-se viúva e depois se casou novamente.

Mas Orestes voltou e viu a mãe com outro homem, o que era uma ofensa mortal ao pai. Por isso matou-a, como mandava a lei. A lei dizia também que crime de sangue devia ser punido com sangue, o que criava um círculo vicioso inescapável no qual ele caía: para honrar o sangue de seu pai derramara o de alguém, e assim se tornara passível de que mais alguém viesse, em nome da justiça, fazer correr o seu. Além disso, os que haviam derramado sangue alheio passavam a ser perseguidos pelas Erínias, as Medonhas, que pelo remorso e constante lembrança do ato cometido não permitiam um segundo de paz à alma do criminoso. Onde quer que fosse, onde quer que

estivesse, ele seria perseguido implacavelmente por elas, que o devoravam por dentro.

Orestes passou por essa provação durante muito tempo, até o momento em que pensou o seguinte: crime levava a crime, em nome de uma justiça que se tornava cada vez mais injusta, porque fazia inocentes derramarem o sangue de inocentes para vingar os erros de antepassados. Diante disso, ele desejou de coração ser punido pelo que fizera. Quis também que ninguém mais tivesse de assumir a responsabilidade por aquele crime. A partir desse instante as Erínias passaram a ajudá-lo, aconselhando-o, orientando-o, cuidando da sua dor. Tanto que mudaram de nome e passaram a ser as Benígnas.

Liberdade e responsabilidade – Quando assumimos a responsabilidade pelas nossas limitações, destino e atos, algo em nós se harmoniza com camadas muito profundas de nossa personalidade e existência, tenhamos sido causadores de sofrimentos ou não.

Um outro modo de compreender que o destino possibilita a liberdade é considerar que cada determinismo gera uma liberdade, que por sua vez gera outro determinismo e assim por diante. Vejamos isso na ciência. Na biologia e na medicina, por exemplo. A genética acrescenta, a cada dia, mais aspectos da existência que são determinados pelos genes. Conhecendo-os, aprendemos também aquilo que é necessário para produzir transformações genéticas. Liberdade e determinismo geram um ao outro: cada avanço na liberdade gera um novo determinismo e cada avanço no determinismo gera uma nova liberdade. Não nos perguntamos, a todo momento, qual é a ética que deve presidir essa nova liberdade?

O psicoterapeuta Rollo May coloca outro aspecto essencial da liberdade, que ajuda a responder à pergunta sobre se somos ou não livres para mudar. Para ele, há dois tipos essenciais de liberdade. O primeiro diz respeito à liberdade do fazer: aquela em que somos livres para ir ou não ao trabalho, à escola, casar ou não casar, sair ou não sair, ler ou assistir televisão e assim por diante. Podemos ser impedidos de exercer essa liberdade se formos presos, se houver censura na sociedade, se formos proibidos de fazer isso ou aquilo. Podemos ser também limitados pelos condicionamentos, como por exemplo fumar, beber, usar drogas, ficar irritado no trânsito.

O segundo aspecto é a liberdade de ser, que muitos descobriram justamente no auge das restrições à liberdade do fazer:

é o caso, por exemplo, de prisioneiros que descobriram que, não importa o que acontecesse, havia dentro deles um lugar em que podiam sentir ou pensar o que quisessem, e que nesse lugar ninguém podia controlá-los. Que exatamente aí, nesse aspecto, eram os senhores de suas escolhas. De fato, se considerarmos que o meio é o responsável último pelo que nos acontece, estaremos desconhecendo um fato básico da vida, que foi apontado recentemente pela biologia: a vida gera a si mesma, a energia sabe cuidar de si própria, desde que condições mínimas sejam asseguradas.

Quais condições mínimas? Os valores humanos e éticos de que nos afastamos: manter o respeito nas relações, resguardar a natureza e seus recursos, preocuparmo-nos com o outro, prover as crianças com amor e tudo o mais que necessitem para sua nutrição etc. Não somos onipotentes. Para que haja liberdade e vida é necessário que certos determinismos sejam respeitados. Mas com eles abre-se uma nova liberdade – ou muitas.

Essa liberdade básica de ser é o nosso próprio espaço mental, que quase sempre está ameaçado nas condições “douradas” da nossa cultura: grandes cidades, competitividade, luta por um lugar ao sol. Esses valores são exatamente os que impedem a nossa liberdade, porque ameaçam a vida.

Na verdade, tudo depende dessa liberdade de ser. Tudo depende desse “espaço psíquico”, “espaço interno”, “energia psíquica”, “presença mental”, “contato com os valores”, “consciência”, “ética”, “liberdade”, seja como o queiramos chamar. É necessário saber que ética e liberdade são intrinsecamente interligadas. Não há uma sem a outra. Para sermos livres temos de ser éticos e vice-versa. Toda forma de manipulação social do comportamento é uma restrição real à liberdade, seja ela violenta ou sutil. Sem a liberdade de ser não podemos verdadeiramente escolher. Ficamos aprisionados num jogo de ação e reação, numa postura reativa que só nos traz frustração. E esta, por sua vez, leva a um sintoma óbvio: a violência.

Sem reflexão e autoconhecimento só nos restam regras externas para determinar nosso comportamento. Regular não é orientar, não é compreender: em geral é reprimir. E tudo que é reprimido retorna como sintoma, com uma força proporcional àquela que foi usada na repressão. O exemplo mais imediato é a violência. Quando reprimimos, projetamos sobre a realidade aquilo que foi reprimido. E a realidade retruca. Se projetamos medo e violência, é o que recebemos de modo dobrado. Nesse

processo, o mundo é uma espécie de espelho para nossas indagações interiores.

Liberdade e educação – E qual é o papel do professor, num mundo que se transformou num jogo da bolsa de valores? Penso que em primeiro lugar ele, para o aluno, é um ponto de referência do mundo adulto. Essa função é muito mais difícil e mais importante que o conteúdo programático do que se quer ensinar. Outro dia vi, na televisão, uma entrevista com um professor *senior*, com muitos anos de atividade em escolas públicas. Perguntaram-lhe qual era, em sua opinião, a maior dificuldade que um mestre enfrenta. Respondeu que era o fato de só conseguirmos ensinar aquilo que verdadeiramente aprendemos. O professor é um transmissor de conteúdos, mas também é aquele que o aluno, de um modo ou de outro, tem como referência: seja positiva, seja negativa, amando ou odiando. O aluno quer saber do professor o que este acha de tudo o que está acontecendo.

Assim, o mais importante é que o professor saiba como é difícil a vida de hoje. Isso não é problema. Todos sabemos. Em seguida, que ele precisa não tentar corrigir no aluno os problemas que gostaria de ver corrigidos em si mas não consegue. Isto é, precisa abandonar a sua onipotência. Precisa saber dizer que não sabe, quando é o caso, saber valorizar o amor e respeitar a dor. Por fim, precisa saber que tem diante de si um ser humano que é livre, não porque não tem limitações mas justamente porque as tem.

Recordemos o mito grego de Quíron. Quíron era um centauro muito especial: era imortal e extremamente esclarecido, muito próximo dos seres humanos. Aconteceu que Hércules teve de enfrentar um bando de centauros violentíssimos, que vinha fazendo muitos estragos, e Quíron resolveu ajudá-lo. Os dois foram magníficos no combate e conseguiram dominá-los. Mas ocorreu algo trágico e muito peculiar com Quíron, que era imortal. No entanto, como lutava contra outros centauros – e de certo modo contra a sua própria natureza –, uma das flechas disparadas pelo inimigo conseguiu atingi-lo, causando um ferimento mortal. Como não podia morrer, ele ficou condenado a permanecer para sempre com aquela dor.

Sabia agora como é a dor de ser mortal e não poder se livrar dela. Por outro lado, o fato de saber o que é a dor fez com que pudesse aprender a curá-la nos outros. Dessa maneira, descobriu tratamentos para inúmeros sofrimentos e doenças e

passou esses conhecimentos a Asclépio, que assim se tornou o deus da medicina. Muito tempo depois, um mortal resolveu tomar o lugar de Quíron e ele pôde morrer. Foi então elevado ao céu, onde assumiu a forma da constelação de Centauro.

Conto este mito para mostrar que aquilo que transforma alguém em curador não é o fato de estar acima ou apartado das dores, dos sofrimentos, sejam eles os seus próprios ou os dos outros. Não é tentar corrigir o que está errado. É estar próximo, saber que ali se encontra um sofrimento que, embora às vezes diferente na forma, é igual para todos no conteúdo. Lembremos a carência de que falei anteriormente, que faz com que nos fechemos e nos enrijeçamos, exatamente quando mais precisamos de contato humano.

Educar não é, obviamente, estimular a ingenuidade do outro nem usá-la em benefício próprio. Também não é caridade, não é ter pena do sofrimento do outro: é saber que somos todos iguais em nossa liberdade e conflitos. Perceber que tudo muda, nada dura para sempre. Entender que a realidade não é tão sólida quanto parece, e que nesse universo de mudanças o melhor possível, aquilo que realmente conta e que funciona, é sermos éticos, saber que o outro é um eu tão bom quanto nós próprios. Esses valores nutrem a vida, são construtivos, respeitosos e permitem que ergamos sobre eles a base de um viver verdadeiramente humano. É esse respeito fundamental que podemos e devemos ensinar.

THOT

NOTA:

Este artigo corresponde à edição de uma palestra dada pelo autor no curso *Valores que Não têm Preço*, na Associação Palas Athena, São Paulo, 1999.

Partilha, simplicidade e cooperação. Em torno destes princípios, músicos, poetas, artistas plásticos, dançarinos, atores, professores e monitores criaram a **PAZ PEDE PARCEIROS**, um evento de muitas linguagens, a céu aberto, onde corpo, coração e mente puderam se divertir, aprender, criar, refletir e brincar junto com outros.

As 68 pessoas envolvidas na programação foram voluntários, e aceitaram o desafio de realizar este encontro de fim de semana a custo zero. Os recursos necessários para cada uma das atividades foram providenciados pela cooperação entre eles mesmos, evitando o supérfluo e o desperdício.

O palco, o Parque da Água Branca, em São Paulo, nos dias 10 e 11 de março de 2001, das 9h às 18h, abrigou 19 atividades diferentes em 8 espaços, sempre envolvendo o público em criações coletivas, com as seguintes propostas:

Simplicidade Voluntária:

evitar o supérfluo e o desperdício

Ética solidária:

promover a arte do convívio

Cidadania responsável:

participar na gestão do bem comum e do espaço público

Valorização das diferenças:

incentivar as diferenças como fonte de riqueza

A PAZ é um bem de muitos, para muitos,
e que se constrói com muitos, por isso ela
PEDE PARCEIROS. Seja um deles.



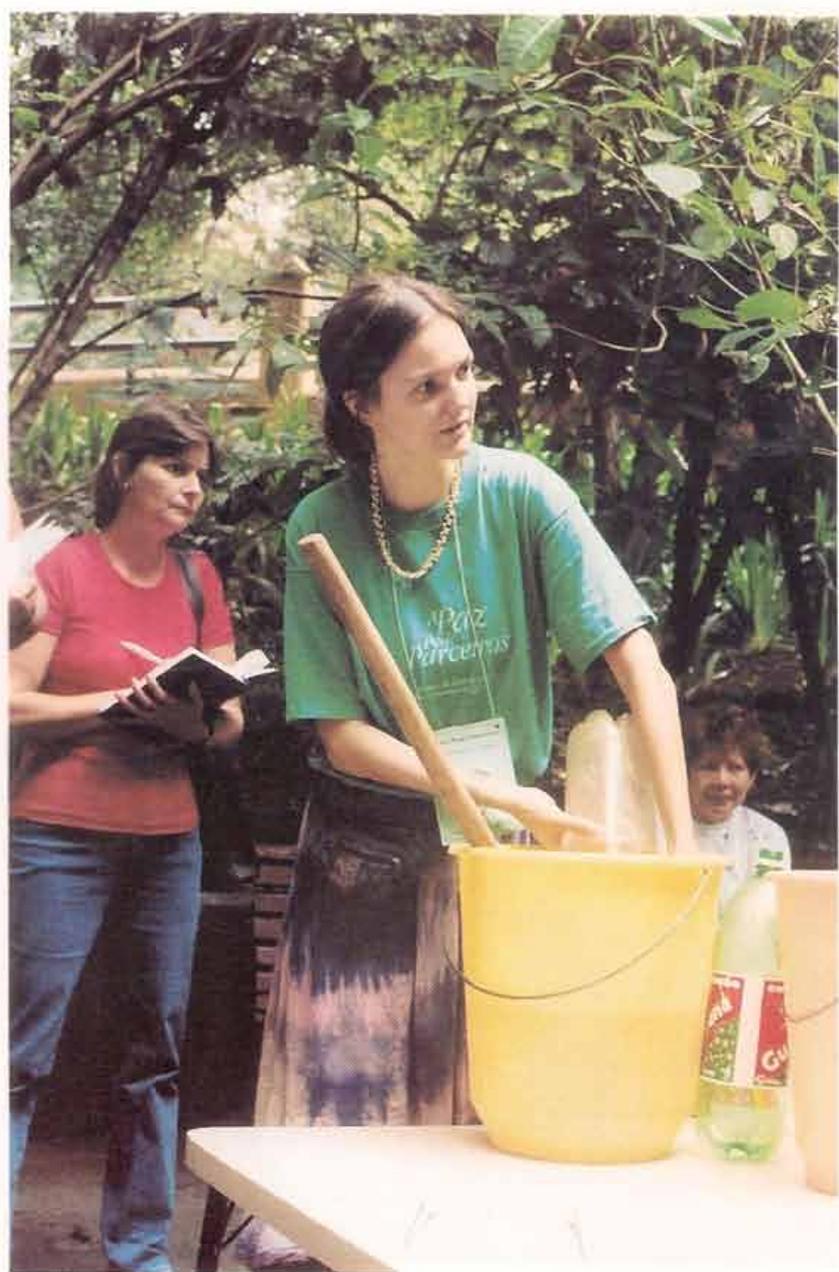
A P O I O



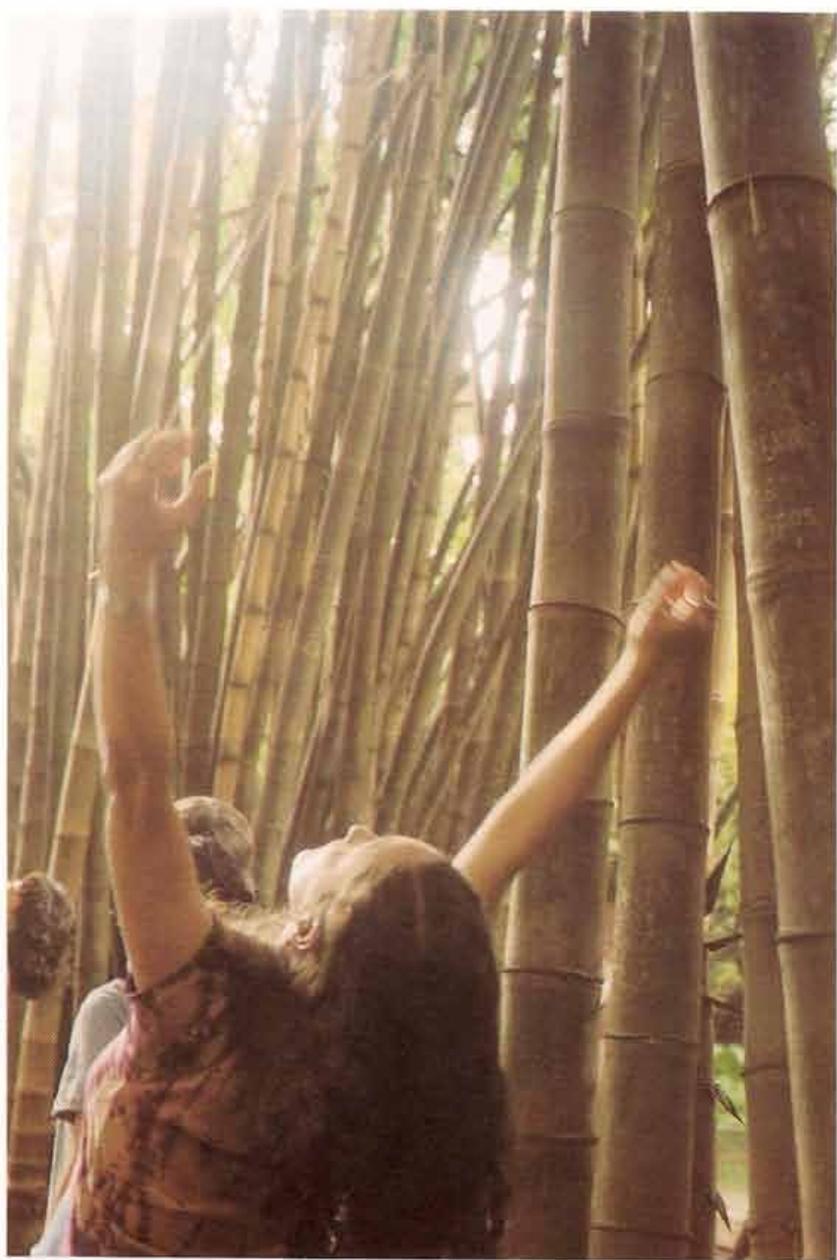
COMITÉ PALEISTA PARA A DÉCADA
DA CULTURA DE PAZ
UM PROGRAMA DA UNESCO







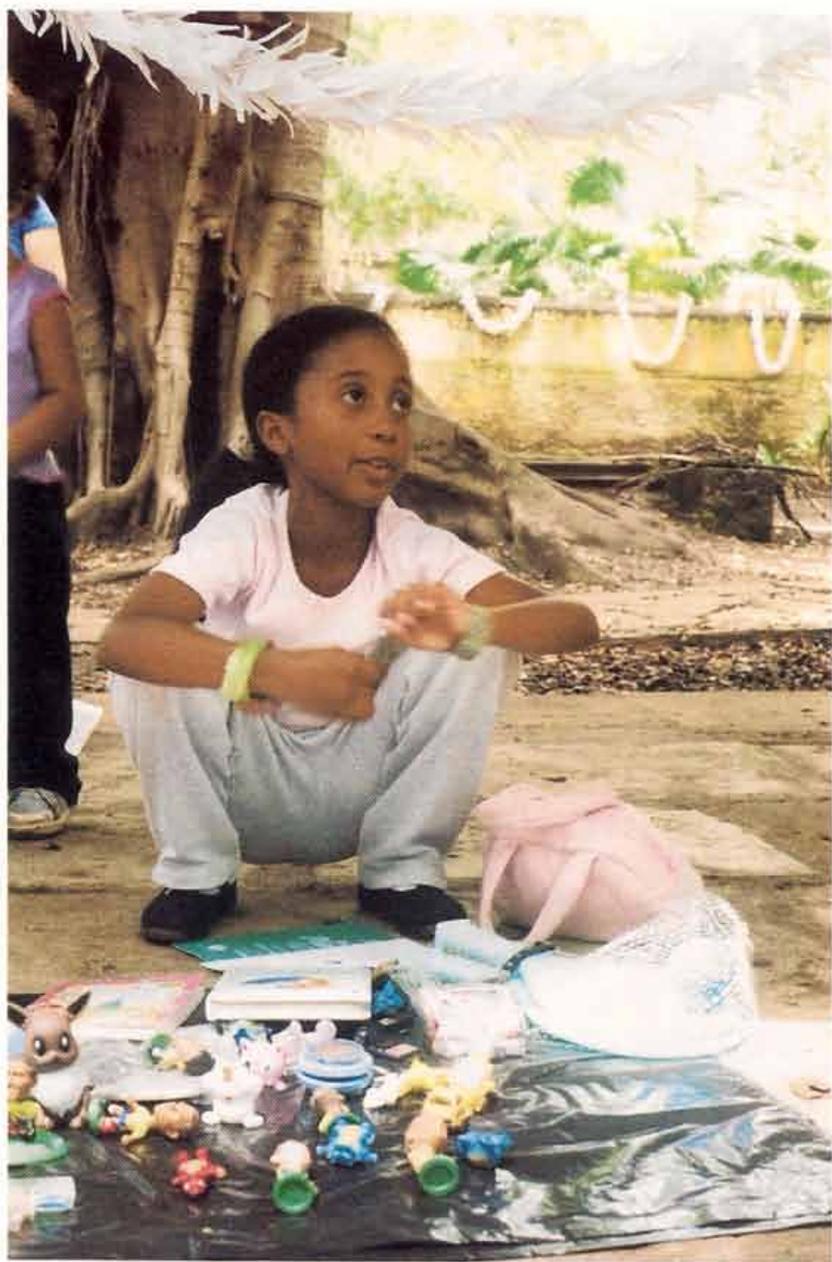














Caríssimo amigo

Está feito, sabíamos que demoraria.

Venha, deixe em casa o passaporte e, por favor, não traga muitas coisas. Aqui, diminuimos a importância da palavra acumular. Descobrimos como simplificar o trabalho: ao invés de processos e arquivos, dialogamos. Paramos de reclamar da falta de tempo e de computadores mais velozes.

Dentro, o lugar é novo e pequeno. Grande e antigo por fora, nossos lares valem o que suas janelas mostram. Agora mesmo, estou vendo uma lua que não quer ser machucada com bandeiras e ideais de conquista. A cosmogênese fez o céu aparecer distante; vamos deixar assim, nós olhando pra ele, ele cuidando de nós.

O que você acha de presentearmos alguém com um dos nossos violões? É tão raro fazermos dupla! Primeiro toca você, depois eu. O círculo. O beijo gratuito, o par de olhos no berço, a saudade da panela que vovó preferia, o passeio na praça, a mesma canção outra vez. Venha e traga coisas assim, que não podemos guardar em armários.

Venha sem pressa, quando puder, livre para abrir as portas que separam o pequeno do grande, o enrolado do simples.

George Barcat

Professor da Associação Palas Athena

CULTIVANDO A MENTE DE AMOR

Thich Nhat Hanh

tradução: Odete Lara



Em *Cultivando a Mente de Amor* Thich Nhat Hanh partilha momentos que lhe tocaram o coração durante os anos de sua formação – bebendo a água cristalina na fonte de um eremita; olhando a imagem de Buda na capa de uma revista; tornando-se monge para praticar pela sua geração, sua sociedade e o mundo; e se apaixonando. Tecendo esses episódios com um minucioso exame dos textos-chave do budismo Mahayana, incluindo os *Sutras do Diamante*, *do Lótus* e *do Avatamsaka*, Thich Nhat Hanh ajuda o leitor a entender a natureza da “inter-existência” e “interpenetração” de todas as coisas, ou seja, ajuda a superar as noções que obstruem o caminho da experiência direta e assim entrar no “reino Avatamsaka da realidade última”. Com maestria, simplicidade e clareza, ele nos mostra maneiras de cultivar nossa própria “mente de amor” e trazer alegria e esperança para nós mesmos e para muitos outros.

THICH NHAT HANH é poeta, mestre Zen e ativista da paz. Presidiu a Delegação Budista da Paz em Paris, nos Debates Sobre a Paz, durante a guerra do Vietnã, seu país de origem, tendo sido indicado pelo Dr. Martin Luther King Jr. para o Prêmio Nobel da Paz. É autor de 75 livros.

Este texto compõe
o capítulo 4
do livro
*Cultivando a mente
de amor*
de Thich Nhat Hanh
traduzido por
Odete Lara.

A BELEZA DA PRIMAVERA

Por gentileza, pense no seu próprio primeiro amor. Faça-o devagar, visualizando como aconteceu, em que lugar foi, o que lhe trouxe naquele momento. Relembre essa experiência e observe-a calma e profundamente, com compaixão e entendimento. Você descobrirá muitas coisas que não notou naquela ocasião. Na tradição Zen há um *kung an*: "Qual era sua face antes de seus pais terem nascido?" Este é um convite para empreender uma jornada e descobrir seu verdadeiro eu, sua verdadeira face. Tente ver a verdadeira face de seu "primeiro amor" olhando-o em profundidade. Ao fazê-lo você verá que seu "primeiro amor" pode não ter sido realmente o primeiro, que sua face quando você nasceu pode não ter sido sua face original. Se olhar profundamente, você será capaz de ver sua face original verdadeira, e seu primeiro amor verdadeiro. Seu primeiro amor ainda está presente, sempre aqui, continuando a modelar sua vida. Este é um assunto para meditação.

Quando a encontrei, não era exatamente a primeira vez que havíamos nos encontrado. De outra forma, como poderia ter acontecido tão facilmente? Se eu não tivesse visto a imagem de Buda na revista, nosso encontro não teria sido possível. Se ela não tivesse se tornado monja, eu não a teria amado. Havia nela uma grande paz, fruto de uma prática sincera, que não havia nos outros. Ela havia estado praticando no templo de Huê, e parecia tão em paz quanto Buda sentado na grama. A visita que fiz ao eremita, bebendo a água pura de sua fonte, também foi parte de nosso primeiro encontro. No momento em que a vi, reconheci nela tudo que me era caro.

Ela estava naquela região visitando a família mas, como monja, preferira permanecer no templo. Tinha ouvido falar sobre o curso básico de budismo que eu estava dando e esperava encontrar-me, mas eu nada sabia dela. Quando cheguei no alto da escadaria, fiz-lhe uma reverência e perguntei seu nome. Fomos para dentro para travar conhecimento. Como em todos os templos, havia ali um assento especial para o abade, e eu tive que sentar-me nele porque o abade tinha se ausentado por alguns dias, pedindo que eu servisse em seu lugar. Convidei-a a sentar-se diante de mim, mas ela sentou-se em outro lugar, ao lado. Membros da comunidade nunca se sentam de frente para o abade. É apenas uma formalidade. Para vermos o rosto um do outro, tínhamos de girar a cabeça.

O comportamento dela como monja era perfeito – a forma de se mover, de olhar, de falar. Ela era tranqüila. Jamais dizia alguma coisa, a menos que lhe perguntassem. Apenas olhava para a frente de olhos baixos. Eu também era tímido. Jamais ousava olhar para ela por mais de um ou dois segundos, baixando logo meus olhos. Depois de alguns minutos, dei-lhe até logo e fui para meu quarto. Eu não sabia o que havia acontecido, mas percebi que minha paz tinha sido perturbada. Tentei escrever um poema, mas não consegui compor uma linha! Assim, comecei a ler poesias de outros, esperando que me acalmassem.

Li vários poemas de Nguyen Binh. Ele estava saudoso de sua mãe e irmã, e eu sentia a mesma coisa. Quando você se torna monge muito jovem, sente falta de sua família. No Vietnã, antes de começar a ler esse tipo de poesia, costuma-se acender um incenso e uma vela e então recita-se o poema. Lembro-me de que vieram algumas lágrimas aos meus olhos quando recitei este clássico chinês:

*A noite está aqui.
O vento e a chuva anunciam
que a primavera está chegando.
Ainda durmo sozinho, meu sonho ainda não realizado.*

*Pétalas de flores caindo
parecem entender meus sonhos e aspirações.
Elas tocam o chão da primavera
em perfeito silêncio.*

Continuei a dizer poesias durante toda a tarde e a noite.

Pensando em minha família, recitava em voz alta, tentando aliviar os sentimentos que não podia entender. Às seis horas, um estudante da classe em que eu lecionava bateu à porta chamando-me para o jantar. Antes de se ausentar, o abade havia pedido a ela que viesse todos os dias preparar o almoço e o jantar.

A jovem monja e eu comemos em silêncio e, em seguida, enquanto tomávamos o chá falamos tranqüilamente. Contou como havia se tornado monja, onde tinha treinado antes de ingressar no Instituto Budista de Huê, e o que estava estudando. Mantinha os olhos baixos, só os levantando quando eu lhe dirigia alguma pergunta. Ela se parecia a Kwan Yin – calma, compassiva e bonita. De vez em quando eu a olhava mas não por longo tempo. Não seria cortês se ela me visse olhando-a assim. Depois de uns dez ou quinze minutos, pedi licença e fui para a Sala de Buda praticar meditação sentada e entoar os cânticos.

Na manhã seguinte, voltei de novo à Sala de Buda para a meditação e, durante os cânticos, ouvi sua voz ao meu lado. Findo o canto, deixamos a Sala e tivemos uma outra conversa antes do desjejum. Naquela manhã ela foi ver sua família, e eu fiquei sozinho no templo. Depois do almoço, fui à aldeia ajudar os jovens a ensaiar sua peça. Quando retornei, ao subir os degraus da escada, eu a vi outra vez de pé em frente ao templo, contemplando a encosta onde havia a plantação de chá. Jantamos juntos, e depois li para ela algumas poesias minhas. Fui então para meu quarto e continuei a ler sozinho. Nada havia mudado do dia anterior mas, interiormente, entendi. Soube que a amava. Eu só queria estar com ela – sentar-me perto dela, contemplá-la.

Quase não dormi nessa noite. Na manhã seguinte, depois da meditação e dos cânticos, propus que fôssemos à cozinha acender o fogo. Estava frio e ela concordou. Tomamos chá juntos enquanto eu tentava achar a melhor forma possível de dizer que a amava. Eu dizia muitas coisas, mas *isso* não podia dizer. Falava sobre outras coisas, esperando que entendesse. Ela ouvia atentamente, com compaixão, e então sussurrou: "Não entendi uma palavra do que você disse".

Mas no dia seguinte ela contou que havia entendido. Era difícil para mim e ainda mais difícil para ela. Meu amor era como uma tempestade, e ela estava sendo apanhada e varrida pela força dessa tempestade. Tentou resistir, mas não pôde, e

finalmente admitiu. Nós dois precisávamos de compaixão. Éramos jovens, e fomos carregados para longe. Tínhamos o profundo desejo de ser monges – levar adiante o que, por longos anos, nos era tão caro. Ainda assim fomos pegos pelo amor.

Naquela noite escrevi um poema:

*A primavera chega devagar e mansamente,
deixando que o inverno se retire,
devagar e mansamente.
A cor da montanha esta tarde
tem o matiz da nostalgia.
A terrível flor guerreira
deixou suas pegadas –
incontáveis pétalas de separação e morte,
em branco e violeta.
Bem suavemente, a ferida se abre nas
profundezas de meu coração.
Sua cor é a cor do sangue.
Sua natureza, a natureza da separação.
A beleza da primavera bloqueia meu caminho.
Como encontrar outro atalho para galgar a montanha?
Eu sofro pois. Minha alma está gélida.
Meu coração vibra como débil corda de alaúde,
deixado fora numa noite de tormenta.
Contudo, ela aí está. A primavera realmente chegou.
Mas o lamento é ouvido
claramente, inconfundivelmente,
nos sons maravilhosos dos pássaros.
A névoa da manhã já nasceu.
A canção da brisa primaveril
expressa meu amor e meu desespero.
O cosmos é tão indiferente. Por quê?
Ao porto vim ter sozinho,
e agora sozinho eu parto.*

*Há tantos caminhos conduzindo ao lar.
Todos eles me falam em silêncio. Eu invoco o
Absoluto.*

*A primavera chegou
em todos os cantos das dez direções.
Seu canto, ai, é apenas a canção
da partida.*

Escrevi esse poema para me aliviar. Como poderíamos continuar, eu como monge e ela como monja, e ainda assim preservarmos esse precioso amor?

Usualmente os monges não partilham histórias como esta, mas penso que é importante fazê-lo. De outra forma, como a geração mais jovem vai saber o que fazer quando for atingida? É esperado que você, como monge, não se apaixone, mas às vezes o amor é mais forte que sua determinação. Esta história é acerca de preceitos, mente desperta. *Sangha, bodhicitta e transformação.* **THOT**

Para adquirir esta obra:
diretamente pelo site www.palasathena.org
ou na livraria da Associação Palas Athena
Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo, SP

MARIA APARECIDA NOGUEIRA

é antropóloga da Fundação Joaquim Nabuco e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário, ambos da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Ciências Sociais pela PUC, São Paulo.

FÍSICA E PSICOLOGIA: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

As primeiras décadas do século 20 levaram a uma reflexão inicial sobre proximidade entre a física quântica e a psicologia profunda. Carl Jung mantinha estreitas relações com os físicos do seu tempo. Ele próprio fala a respeito, numa passagem de seu livro *Aion*: "Mais cedo ou mais tarde, a física nuclear e a psicologia do inconsciente se aproximarão cada vez mais (...). Se a pesquisa pudesse avançar o suficiente, chegaríamos a um acordo final entre os conceitos físicos e os psicológicos. Nossas tentativas atuais podem ser arrojadas, mas acredito que estejam no rumo certo.

Quer dizer: o próprio Jung sempre teve consciência de que tanto a estrutura quanto os conceitos que adotara eram pertinentes à física quântica, e que ambos se situavam numa nova perspectiva paradigmática. O que se tem observado, nos estudos levados a efeito pela física moderna, é a utilização de algumas das idéias fundamentais de Jung, como sincronicidade, conexões não-locais e o fazer científico fora do binômio causa-efeito. Entretanto, foi o físico Mário Schenberg que, em 1984, deixou clara a necessidade do desenvolvimento de um paralelo entre as teorias aqui referidas, ao escrever o prefácio do livro *O Tao da Física*. É no âmbito desse paralelo que se situa o nosso trabalho.

Por outro lado, a psicologia profunda foi um passo decisivo para a elaboração e o desenvolvimento da antropologia do Imaginário. A partir dela foi que Gilbert Durand, principal teórico dessa área, construiu os pressupostos de uma antropologia

voltada para o aspecto paradoxal do símbolo: o significante e o significado como instâncias presentes de modo simultâneo no universo simbólico.

Que caminhos as noções de Jung nos abrem? Qual é a contribuição da teoria do inconsciente coletivo para a construção de uma nova antropologia? Caso nos aprofundemos no conceito de sincronicidade, por exemplo, poderemos verificar o caráter dinâmico que permeia a teoria junguiana. Essa verificação nos levará ao entendimento de sua contribuição à elaboração de um novo paradigma científico.

A física quântica – Em 1890, a microfísica de Max Planck foi o primeiro passo dado para a construção da teoria quântica – a teoria dos fenômenos subatômicos –, que introduziu na física a noção inicial de descontinuidade. A formulação de Planck surgiu com a finalidade de aplicar teoricamente a radiação do corpo negro, emitida pelos “pacotes de energia” ou *quanta* (plural de *quantum*), que são proporcionais à frequência dessa radiação.

Albert Einstein recebeu influência direta de Planck na formulação de sua teoria sobre o efeito fotoelétrico, pois utilizou a idéia de descontinuidade. Contudo, só vinte anos mais tarde a teoria quântica foi completamente desenvolvida por uma equipe de físicos. Ela inaugurou um novo modo de considerar a radiação eletromagnética, que se tornou uma de suas características.

A física quântica enfrentou o desafio de rever seus conceitos, o que envolveu bem mais que uma decisão intelectual. Para os físicos, foi emocionalmente doloroso questionar as bases de sua estrutura conceitual. No entanto, foi esse questionamento que suscitou uma transformação profunda na maneira de conceber e fazer ciência. Os físicos reconheceram que os fenômenos atômicos não podiam ser descritos, falados, e sequer pensados segundo os conceitos da física clássica, pois isso corresponderia a um paradoxo. Tiveram de aprender a fazer as perguntas certas, para penetrar a fundo no espírito da teoria quântica. Só então desenvolveram a formalização matemática dessa teoria, que hoje é aceita pela comunidade científica. Essa formalização foi feita a partir das três primeiras décadas do século e envolveu, além de Planck e Einstein, os nomes de Niels Bohr, Louis De Broglie, Erwin Schroedinger, Wolfgang Pauli, David Bohm, Werner Heisenberg e Paul Dirac.

A física quântica e a teoria da relatividade, de Einstein, formam o que se denomina física moderna. Por sua vez, a teoria

da relatividade se divide em duas: a geral e a especial. A diferença entre elas reside no fato de a teoria geral adicionar a noção de gravidade à da estrutura comum à eletrodinâmica e à mecânica. A partir dessa inclusão, Einstein afirma que a força da gravidade tem a propriedade de curvar o espaço e o tempo. Diz, ainda, que esse espaço curvo tridimensional é causado pelo campo gravitacional dos corpos compactos. Assim, o espaço não pode ser separado do tempo, e constitui com ele um *continuum* quadridimensional denominado espaço-tempo, característico da teoria especial. A teoria quântica é a estrutura adequada ao estudo dos diagramas de espaço-tempo, devido ao seu caráter dinâmico.

O espaço-tempo e a questão da linguagem – As noções de espaço e tempo não refletem propriedades absolutas da natureza: são construções intelectuais. Portanto, as medidas de tempo e espaço são relativas. Esse *continuum* quadridimensional é evidente apenas no plano das grandes distâncias, ou seja, nossa intuição não permite a sua vivência. Os físicos convivem com esse *continuum* apenas nos termos da formalização matemática. Eles apontam como principal dificuldade, para a vivência do espaço-tempo da física relativista, a limitação de nossa linguagem, que só é capaz de expressar noções comuns de realidade, esta por sua vez limitada pela experiência que temos do mundo físico.

A partir do reconhecimento dessa limitação lingüística, os físicos concluíram que os conceitos e teorias por nós utilizados para descrever a natureza são também limitados, e portanto não caracterizam essa realidade, que transcende a linguagem. Assim, Heisenberg afirma que os conceitos e as palavras têm uma gama restrita de aplicabilidade. As teorias científicas não descrevem completamente o mundo real: apenas se aproximam dele, ou seja, os cientistas não lidam com a verdade, mas sim com descrições aproximadas dela. A observação dos fenômenos naturais é interpretada, e essa interpretação é freqüentemente comunicada por meio de palavras. Trata-se, pois, de abstrações, daí sua imprecisão.

As propriedades da matéria subatômica – A matéria subatômica exhibe uma dualidade que parece paradoxal: ora se mostra como partícula, ora surge como onda. Na qualidade de partículas, as entidades são capazes de desenvolver sua natureza ondulatória às custas de sua natureza de partícula, e vice-

versa. Isso quer dizer que nenhuma delas tem propriedades intrínsecas, independentes de seu meio ambiente.

Com a descoberta do aspecto dual da matéria, os físicos tiveram de reconhecer a existência de um "campo quantizado", isto é, um campo que pode assumir a forma de ondas ou de partículas, dependendo do modo como é abordado. O objetivo principal da física moderna é a compreensão das propriedades e interações das partículas subatômicas. Entretanto, dada a sua natureza relativística, essas partículas estão sempre e basicamente em interconexão. Encontram-se em constante movimento, à velocidade da luz. São, pois, formas de movimento de campo (que é um *continuum*), e por isso estão presentes em todos os espaços.

Assim, as partículas passam agora a ser vistas como padrões (processos) dinâmicos, que implicam uma determinada quantidade de energia manifestada como a sua massa. Para estudar suas propriedades, utiliza-se o método de colisões de alta energia, em que a inconstância do aparecimento da matéria torna-se evidente. Entretanto, a compreensão das propriedades só pode ocorrer se as partículas forem percebidas em termos de sua atividade, de sua interação com o ambiente. Nesses termos, cada partícula é parte integrante do todo.

O Universo passa, assim, a ser descrito como uma totalidade indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico. O mundo das partículas subatômicas revela a unidade básica do Universo, que é percebida em termos de uma teia dinâmica de padrões inseparáveis de energia.

O fato de os fenômenos atômicos serem determinados por suas conexões introduz a noção de probabilidade na teoria quântica. Essa noção é necessária, devido à existência de variáveis ocultas "não-locais", ou seja, conexões instantâneas com a totalidade do Universo. Um exemplo desse tipo de conexão é proporcionado pela metáfora do efeito borboleta, mencionada por James Gleick: "Uma borboleta em Pequim, agitando o ar hoje, pode modificar no mês seguinte sistemas de tempestades em Nova Iorque".

Nessa perspectiva, podemos dizer que não há uma relação de causa-efeito nos fenômenos atômicos, visto que as partículas podem ocupar os espaços mais diversos. A matéria, então, tem "tendência a existir" em determinados locais, e os eventos atômicos têm "tendência a ocorrer" em alguns instantes e em algumas direções. Tais "tendências" são expressas formalmente como probabilidades.

O princípio da incerteza – Na concepção microfísica (isto é, da física de partículas), as partículas estão em constante movimento, interação e transformação. Daí, segundo Heisenberg, ser impossível atribuir a cada uma delas, num dado instante, uma posição e uma velocidade determinadas (*momentum*): quanto melhor se define a posição, menos se conhece a velocidade e vice-versa.

Esse princípio, enunciado em 1927, é denominado de “princípio da incerteza” ou, numa designação mais recente, “princípio da indeterminação”. Ele diz que a própria natureza das partículas é a responsável pela falta de precisão, o que significa dizer que em qualquer experimento, no qual for medida a localização de uma partícula, haverá dúvida quanto à sua velocidade. Por isso, por mais que se façam observações criteriosas, o mundo será sempre um tanto incerto.

O princípio da incerteza (ou da indeterminação) consiste num conjunto de relações matemáticas que expressam a extensão em que os conceitos clássicos de velocidade e posição podem ser aplicados a fenômenos atômicos. Ele nos fornece a relação que existe entre esses dois conjuntos.

Buscando compreender mais adequadamente a relação entre os conceitos clássicos e os quadros da física quântica, Niels Bohr desenvolveu a noção de complementaridade, que considera os comportamentos de onda e partícula da matéria como descrições complementares da mesma realidade: cada um deles é apenas parcialmente correto e tem um âmbito limitado de aplicação. Cada uma dessas representações é necessária para a obtenção de uma descrição integral da realidade atômica. Contudo, ambas só podem ser aplicadas considerando as limitações estabelecidas pelo princípio da incerteza.

A proposição de Bohr pôs fim ao dualismo onda-partícula, pois ambas são representações complementares de uma mesma realidade. O princípio da complementaridade demonstra que a única possibilidade de compreensão do mundo das partículas é entendê-las como padrões ondulatórios de probabilidade.

Os princípios da incerteza e da complementaridade nos levam à discussão do papel do observador humano nas experiências científicas. As partículas só têm significado na qualidade de interconexões de vários processos de observação e medida. O final dessa cadeia de processos está sempre na consciência do observador.

O envolvimento do observador no processo de medição, e sua conseqüente influência sobre as propriedades dos objetos

observados, é para o físico J. Wheeler a característica mais importante da teoria quântica. Por isso, ele sugeriu que se substituísse a palavra "observação" por "participação". Segundo Heisenberg, o que se observa é a natureza exposta ao método de questionamento escolhido. Uma vez mudado o método, muda o que se observa. Portanto, as propriedades do objeto são influenciadas pela forma de medição adotada. O observador e o observado fazem parte de um todo, no qual a consciência humana desempenha um papel fundamental. Segundo Bohr e Heisenberg, a física quântica não diz respeito à realidade, mas sim ao conhecimento que dela temos.

David Bohm e a ordem implicada – Existe uma ordem inerente à interconexão das partículas, que se situa num nível mais profundo, não-manifesto. Essa noção vem de David Bohm, que denomina a ordem profunda de "implicada" ou "envolvida", e a descreveu inicialmente por meio da analogia com o holograma, no qual cada parte contém o todo. O mundo real está estruturado segundo os mesmos princípios gerais, e sua totalidade está implicado em todas as suas partes.

Posteriormente, por achar que o holograma transmite a idéia de algo estático, Bohm passou a usar outra analogia, que descreve a ordem implicada como um "holomovimento", um fenômeno dinâmico que consiste no fluir de todas as formas do universo material. A finalidade dessa abordagem é estudar a ordem implicada como algo que lida não com a estrutura dos objetos, mas com a estrutura do movimento. Desse modo, ela leva em consideração tanto a unidade quanto a natureza dinâmica do Universo.

A ordem implicada só pode ser encontrada se considerarmos a consciência do observador como uma característica essencial do "holomovimento", e a levarmos explicitamente em conta na teoria. Para Bohm, a mente e a matéria são interdependentes e correlacionadas – mas não casualmente ligadas. São projeções interativas de uma realidade superior, que não é matéria nem consciência e que lhes serve de base comum, na qual prevalece a ordem implicada.

A psicologia profunda – O estudo dos processos subjacentes à realidade encontra paralelo nas teorias de Jung. É na noção de sincronicidade que ele ultrapassa a idéia de linearidade temporal e constata a existência de variáveis ocultas não-locais, indispensáveis à resolução do paradoxo da física.

Jung denominou de mente humana à totalidade composta de consciência e inconsciente. Para ele, a mente não se limita aos indivíduos, mas estende-se aos sistemas sociais e aos ecológicos. Quer dizer, há uma mente coletiva (psique coletiva), que está em todos os grupos de pessoas, nas sociedades, nas culturas, e inclui um inconsciente coletivo. O objetivo de Jung era compreender a psique individual em sua interação com uma dimensão muito mais vasta – o cosmos.

No modo junguiano de entender, o inconsciente é a fonte da consciência, habita em nós desde o início de nossas vidas e continua funcionando juntamente com ela (ou apesar dela). Há dois inconscientes: o pessoal (do indivíduo) e o coletivo (a fração mais profunda da psique), que é comum a toda a humanidade. O inconsciente coletivo subentende a existência de um vínculo entre o indivíduo, a humanidade e o cosmos. Para descrevê-lo, Jung usou conceitos semelhantes aos que os físicos contemporâneos empregam em suas descrições dos fenômenos subatômicos.

Na concepção de Jung, o inconsciente coletivo é um processo que implica padrões dinâmicos coletivamente presentes, aos quais ele chamou de arquétipos. Estes são compostos pelas experiências mais remotas da humanidade e se refletem nos sonhos, bem como nos motivos universais encontrados nos mitos e nos contos de fada do mundo inteiro. Em última instância, todas as experiências passadas da humanidade estão contidas numa rede de relações em que cada arquétipo implica todos os demais.

Devido ao dinamismo que lhes é próprio, as noções de inconsciente coletivo e arquétipos não podem ser definidas de maneira precisa, pois são processos e subentendem, como no caso da física subatômica, o fato de estarmos lidando com incertezas e com padrões ligados de forma não-causal (não-local).

Sincronicidade – Jung introduziu o conceito de sincronicidade para as conexões não-causais entre as imagens simbólicas do mundo interior (psíquico) e os eventos do mundo exterior. Tais conexões sincronísticas são exemplos de estados não-causais da mente, que apesar disso fazem parte de uma mesma realidade. Essa circunstância nos remete à noção de ordem implicada que, como já vimos, foi desenvolvida por Bohm para designar uma realidade última subjacente, que não é material nem mental.

Assim, repetimos que a subversão dos conceitos clássicos, promovida pela física moderna, encontra paralelo nos estudos de Jung. Em primeiro lugar, a noção de espaço e tempo absolutos é ultrapassada, como na teoria einsteiniana da relatividade. Para Jung, só é possível compreender um dado mental numa perspectiva de tempo relativo, visto que qualquer fenómeno desse tipo está relacionado com os primórdios da humanidade (com os arquétipos). Quanto à questão do espaço relativo, ele reflete a impossibilidade de uma visão estática do fenómeno, porque representa relações entre a consciência pessoal, o inconsciente pessoal, a consciência coletiva e o inconsciente coletivo.

A ênfase na subjetividade, bem como a relativização do real, tão caras à física moderna, também encontram paralelo no desenvolvimento dos conceitos junguianos de inconsciente coletivo, como fonte da qual se pode desvelar o que há de mais profundo na mente. Nesse contexto, é importante não esquecer que os conteúdos arquetípicos são relativos a cada cultura. Na realidade, o universo junguiano nos coloca diante de uma relação espaço-tempo, cujo domínio qualitativo está relacionado com o tempo não-determinado, expressando a noção de incerteza/indeterminação de Heisenberg.

As semelhanças entre a física quântica e a psicologia profunda implicam o caráter de dinamismo ressaltado por ambas as teorias. O dinamismo do universo subatômico também se encontra na concepção de arquétipo, que é definido por Durand como "um nó dinâmico (...), uma forma dinâmica, uma estrutura que organiza as imagens, mas sempre ultrapassa as concretes individuais, biográficas, regionais e sociais da formulação das imagens".

Outra semelhança entre as teorias da física moderna e a de Jung é constatada quando este último trata do arquétipo-símbolo. É por meio da metamorfose da libido, ou de sua faculdade simbólica, que o homem pode também pertencer ao mundo da emergência simbólica. (Neste contexto, a libido deve ser entendida como energia psíquica ampla, como aquilo que Durand apresenta como uma espécie de "motor imóvel" do arquétipo.)

No ser humano, a função simbólica é o lugar da reunião dos contrários. Em sua essência e etimologia, o símbolo é o unificador de pares de opostos (consciente e inconsciente). A noção de pares de opostos que se casam nos leva de volta ao princípio da complementaridade, que realça o entrelaçamento

entre pares de conceitos clássicos, a partir do reconhecimento das limitações de sua aplicabilidade.

Conclusões

1. Para o sociólogo e antropólogo Gilbert Durand, o lugar onde se encontram a nova antropologia e a nova física é a noção de "psicóide", elaborada por Jung. É ali que ocorre a interpenetração entre a objetividade e a subjetividade. Trata-se de um campo de investigação que possibilita ao pesquisador a combinação dos aspectos interior e exterior do mundo real. Vale destacar mais uma vez que esses dois aspectos se complementam, segundo o já mencionado princípio de Bohr. Não existe relação causal entre os sistemas objetivo e subjetivo. Sua relação é sincronística, dada a presença dos arquétipos.
2. A antropologia do Imaginário – ponto de interseção da nova física e da nova antropologia – nos conduz a um tempo não-linear (*Kairos*) e a um espaço qualitativo (*Topos*), próprios do mito. Ela nos possibilita vivenciar o *continuum* espaço-tempo a partir de conexões não-causais (sincronicidade) e de experiências relativas aos períodos mais remotos da humanidade (arquétipos).
3. O trajeto antropológico, noção-chave da antropologia do Imaginário, de Durand, permite um olhar dinâmico sobre o fenômeno cultural, pois percorre incessantemente os binômios objetividade-subjetividade, indivíduo-sociedade, natureza-cultura. Busca-se então a apreensão do aspecto dinâmico, tão caro à física e à psicologia profunda.
4. Na antropologia do Imaginário, o símbolo é entendido como composto de dois aspectos (significante e significado) que se complementam. Essa compreensão é consonante com o princípio da complementaridade.
5. Do ponto de vista epistemológico, a antropologia do Imaginário recorre ao não-cartesianismo, de modo a permitir o estudo de variáveis não-causais, tal como se observa na física quântica e na psicologia profunda.
6. A idéia de Durand de que o simples se torna o modelo do mais complexo também é encontrada na física moderna, que destaca o fato de que cada partícula representa todas as outras e, em conseqüência, todo o cosmos. **THOT**

**CID MARCUS
VASQUES**

É professor de
Mitologia e
ex-professor
universitário
(Comunicação -
Semiologia).

CINEMA, TV, VIOLÊNCIA

O cinema e os demais meios de comunicação a ele ligados (TV, rádio, jogos eletrônicos, videogames, indústria fonográfica) fazem parte da chamada comunicação de massa, produzida industrialmente, dentro de um modelo econômico que atualmente tem um caráter totalitário. O grande instrumento desse modelo é o sistema de mercado, que opera com grande velocidade e violência. Esse sistema procura transformar o indivíduo-cidadão em consumidor, sempre um futuro comprador. Sua violência e velocidade, em vez de aproximar pessoas e países – como se admitia quando do início da sua implantação (início dos anos 80) –, vem criando desequilíbrios enormes, tanto econômicos quanto sociais e psicológicos.

Diante do que os textos legais consagram – livre iniciativa, liberdade de expressão, proibição de censura política, ideológica e artística –, como poderá a sociedade, principalmente a importadora dos produtos desse sistema, como é o caso de nosso país, intervir para controlar ou corrigir tais desequilíbrios?

Thot abre, a partir deste número, um espaço para o cinema. Dadas a nossa linha editorial e periodicidade, as matérias que aqui vierem a ser publicadas não terão por objetivo a crítica regular do que é exibido nos cinemas, nem por outro lado se pretenderá, pelas mesmas razões, apresentar estudos ou ensaios mais profundos sobre o assunto: filosofia, estética, linguagem, etc. Procuraremos antes a discussão do cinema e das técnicas a ele ligadas, mais o cinema como fato social, salientando seus aspectos ideológicos, éticos e problemas comportamentais decorrentes. Visamos sobretudo o espectador médio, e não o especialista ou o cinemaníaco.

Esse espectador médio é constituído para nós por diversos tipos de público e tem muitas faces. São segmentos maiores ou menores, que foram e vêm sendo tocados por esse acontecimento chamado cinema, que acaba fazendo parte de suas vidas: imagens em movimento, uma brincadeira na sua origem, hoje um *ontos* que dá forma a símbolos, mitos e ritos sociais, intercambiando projeções e identificações entre o cotidiano e a vida psíquica.

Para uns, o cinema tem que emocionar. Para outros, os atores comandarão as escolhas: vedetismo, grandes nomes. Outros mais o verão como distração, algo que liberte das preocupações diárias, uma bela história, paisagens bonitas. E haverá também aqueles que lerão todas as críticas para discordar delas ou os que só o admitirão pela TV, "porque não dá mais para sair de casa atualmente". Todos têm as suas razões, igualmente válidas. O cinema é tudo isso e muito mais. Qualquer que seja a abordagem, ele se tornou inegavelmente uma das grandes fontes ("usina de sonhos", dizia um antigo escritor) inspiradoras e modeladoras de valores ideais de vida, anseios e desejos e, é claro, responsável também por muitas frustrações, decepções e problemas pessoais e sociais.

Números e fatos – A proposta de discussão que agora aqui se faz ganha importância se pensarmos em como esses meios de comunicação afetam bilhões de pessoas no mundo todo e em alguns números que, por exemplo, a indústria americana movimenta. Por meio de grandes conglomerados, essa indústria domina hoje de modo quase absoluto, em escala mundial, a produção e a distribuição de filmes, sobrando pouco espaço para que produções nacionais, como no caso do Brasil, tenham maiores chances no mercado, nacional ou internacional. As palavras do diretor brasileiro Gustavo Dahl, no 3º Congresso de Cinema aqui realizado, são muito significativas: "Todo cinema nacional é um ato de resistência que tem como objetivo tornar-se auto-sustentável, por uma questão de direito econômico e dignidade cultural".

A indústria cinematográfica americana faturou em 1999 US\$ 7,5 bilhões em ingressos. Se a esse número acrescentarmos a bilheteria do exterior e o *merchandising* embutido nos filmes, o número subirá para US\$ 22 bilhões. Quem toma conta desse negócio é a MPAA (Motion Picture Association of America), um poderoso e eficiente grupo que administra não só a indústria do filme mas também tudo o que diga respeito à TV,

vídeos e às novas tecnologias (Internet). O sistema é compacto, monolítico, sem brechas, confundindo-se com o próprio governo tanto pelas figuras que o dirigem como por razões ideológicas.

Atuando dentro e fora dos EUA, cabe à MPAA o trabalho "diplomático" de fazer passar leis contra a pirataria industrial, despertar a simpatia dos meios de comunicação para as produções americanas, promover (fazer o público ver a entrega do "Oscar" como o acontecimento cinematográfico mundial máximo), abrir mercados, etc.

É em cima de tudo isso que se "puxam" filmes e que funciona o "box office", fazendo-se com que bobagens como *Missão Impossível 2*, de John Woo, com Tom Cruise no papel principal, se tornasse a maior bilheteria de 1999 nos EUA, com uma arrecadação, só lá, de US\$ 213 milhões.

É claro que a produção americana tem filmes que escapam desse esquema, com sucesso de público (grandes metrópoles) e bem recebidos pela crítica não comprometida, de diretores como Robert Altman e Woody Allen, ou que aparecem em festivais patrocinados pelo Instituto Sundance, de Robert Redford. Com 461 filmes lançados em 1999, a produção americana tem, embora em número reduzido, aqueles que não apelam para a violência, para os efeitos especiais, para o escandaloso *merchandising*.

O sistema de mercado – O modelo econômico que hoje no mundo produz comunicação, com o nome de cultura de massa por oposição à de elites, opera por meio do chamado sistema de mercado, que assume o papel de senhor absoluto. Isto é, pouquíssima ou nenhuma intervenção do Estado; livre iniciativa; censura mínima ou nula; grande incentivo ao consumo (consumir é ser feliz); maximização dos lucros; transformação do indivíduo-cidadão em consumidor, vendo-o sempre como um futuro comprador de mercadorias ou serviços, mesmo que deles não necessite. Nesse sistema, tudo pode ser colocado à venda, tudo tem o seu preço, inclusive pessoas; é só uma questão de se chegar ao número certo.

O sucesso desse modelo é diretamente proporcional à sua agilidade operacional e ao seu poder criativo de oferecer sempre "novidades". Traduzindo: velocidade e violência. Um dos seus maiores teóricos é Alvin Toffler (*O Choque do Futuro, A Terceira Onda, As Mudanças do Poder*). Diz ele, numa de suas obras: "O novo sistema para fazer riqueza consiste numa rede

global em expansão de mercados, bancos, centros de produção e laboratórios em comunicação permanente uns com os outros, trocando constantemente enormes e cada vez maiores fluxos de dados, informações e conhecimentos. Esta a economia 'rápida' de amanhã".

O que vem se constatando, todavia, diante do que dessa receita está implantado (Bolsas de Valores, FMI-Banco Mundial, Mercado Comum Europeu, Nasdaq, Internet, etc.), é que, em vez de se equilibrarem melhor os países, criaram-se, ao contrário, enormes concentrações de riqueza de um lado (leia-se EUA) e desigualdades e miséria de outro, com graves problemas sociais em todos. Naquele, violência, muita droga, corrida armamentista, aventuras bélicas. Nestes, muita droga, analfabetismo, distribuição perversa de renda, impunidade, desemprego, miséria. Por trás de todos, o sistema de mercado.

Mais: operando a prazos mínimos (chegar ao tempo real como quer Alvin Toffler), o mercado tem que recompensar imediatamente. Por isso, não se pode cogitar do destino das gerações futuras. A lista de devastações é enorme. Em nome do progresso, destruímos como nunca não só o meio ambiente, mas também noções importantes que nos ajudavam a viver um pouco melhor. Perdemos há muito a noção de cidadania, fomos diluindo a figura do nosso próximo – aquele que poderia se solidarizar conosco, escondendo-nos em muralhas para auto-proteção, muros eletrificados, cercas, aparelhos que atendem por nós, seguranças, cães assassinos, carros blindados. Não temos mais a capacidade de ver o outro nem simpaticamente. Ele é sempre alguém que nos intranqüiliza, ameaça, causa temor, sofrimento.

Quanto ao que nos toca mais de perto – a comunicação de massa e suas técnicas –, o sistema de mercado desenvolveu tecnologias avançadíssimas e as aperfeiçoa sempre, tanto mais perfeitas quanto mais totalizantes. Vende-se ao indivíduo-cidadão a idéia de que ser civilizado é dele participar. Marginais perigosos, excêntricos ou simplesmente idiotas são os que não aderem. Aos poucos, pela pressão dessa ideologia fascistizante (de *fascio*, enfeixar, atar fortemente), vem ocorrendo, em termos mundiais, uma homogeneização de públicos, do gosto, das roupas, dos trejeitos, das gírias, das inscrições das camisetas. Tudo é *light, soft, delivery, off...*

Daí à liquidação de manifestações culturais específicas (folclore, tradições populares, festas) é um pulo. Sem condição de avaliar aquilo que recebe, porque as elites políticas e econômicas

de nosso país não têm o mínimo interesse em mudar esse quadro, o nosso povão pouco ou nada vê do cinema nacional. Quanto às TVs, sobram-lhe as abertas, já que nossas classes mais letradas se refugiam nas TVs pagas. Os canais abertos, como é do conhecimento de todos, com algumas poucas exceções, importam o que de pior se faz lá fora em termos de programas. Melhor seria dizer que copiam, pois "na TV brasileira nada se cria, tudo se copia". No mais, é a baixaria, a jogatina disfarçada ou aberta, o incentivo à pedofilia, as palhaçadas ufanistas midiáticas, os programas de auditório idiotizantes, a erotização da mulher, as horas e horas perdidas nas discussões sobre futebol em mesas-redondas.

Responsabilidade social – Ao terminar este artigo, lemos nos jornais as conclusões de um relatório produzido por uma comissão federal, a pedido do governo americano, sobre a indústria do *entertainment*. Pressões da sociedade mais esclarecida motivaram o pedido, devido ao ocorrido no Colorado, no ano passado, num colégio, quando dois estudantes fuzilaram doze colegas, um professor e se mataram. As conclusões são óbvias para qualquer pessoa medianamente informada: 1) Hollywood incita ao crime; 2) a indústria de videogames promove a cultura da violência; 3) a indústria do *entertainment*, idem; 4) há um *marketing* agressivo de filmes, músicas e jogos eletrônicos endereçado às crianças; 5) crianças são recrutadas para testes de mercado de filmes violentos.

No Brasil é a mesma coisa, só que em outras proporções, deslocando-se, evidentemente, o problema mais para a TV, para os filmes que nos vêm de fora, para os jogos eletrônicos. Os números de nosso cinema são ínfimos diante do gigantismo americano. Além do mais, nunca, de fato, governos brasileiros procuraram apoiá-lo verdadeiramente. Alguns surtos, ciclos, e só. Quase nenhuma presença no mercado internacional.

Aqui entre nós, fala-se muito em auto-regulamentação pelos próprios produtores e existe um Código de Ética da Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão). Nada disso funciona; punições, jamais. Os produtores aqui, como nos EUA, se defendem, acham que não há provas científicas quanto ao impacto da violência sobre o comportamento do público e das crianças em especial; dizem que os filmes não são a causa da decadência moral, etc. e tal. Além do mais, têm bons advogados para defendê-los e contam sempre com a leniência e a atitude permissiva de nossos governos, tudo

puxado a poderosos *lobbies*. Quando muito um pequeno aperto aqui, outro acolá, discutem-se classificações de programas, horários, e é mais uma lei que não "pega".

Ninguém precisa ser mestre em psicologia social para estabelecer uma relação entre a comunicação de massa, como ela é produzida, a banalização da violência e os comportamentos agressivos, criminosos. O filme violento pede filmes cada vez mais violentos, mesmo que com toda a glamourização, como no caso de "Matrix". A violência vende bem porque é como a droga, precisamos de doses cada vez maiores. Lucra-se enormemente com ela, por isso. Acabar com a violência ou contê-la, ou refreá-la, é pôr em risco uma das colunas do sistema de mercado. Assim seja!

A questão mais importante permanece intocada: quem são os proprietários dos meios de comunicação e a que interesses servem? Como tais meios foram obtidos? Concessão governamental? É aqui que a sociedade tem que intervir para se defender, realmente. Será possível uma revisão? Teriam nossos governantes coragem de mexer com essa gente? Impor controles, sim, exigir responsabilidade social. Nada de "apertadinhas". Não importa que eles falem em censura. Violência por violência, nunca. Apenas bom senso e decisão. A sociedade saberá agradecer. É preciso cobrar dessa gente mais responsabilidade social e menos Ibope.

THOT

**UBIRATAN
D'AMBROSIO**

é matemático,
Professor Emérito
da UNICAMP
(São Paulo)
e consultor da
UNESCO e das
Organizações dos
Estados Americanos
(OEA).

E-mail – ubi@usp.sp

UNIVERSIDADES, TRANSDISCIPLINARIDADE E EXPERIÊNCIA HUMANA

O papel das universidades na sociedade moderna

Estamos aqui para nos aconselharmos mutuamente. Devemos construir pontes espirituais e científicas que liguem as nações do mundo.

Albert Einstein

A educação é uma estratégia desenvolvida pelo ser humano com duplo objetivo: estimular a vida em sociedade e acentuar a criatividade. Esse propósito tem sido alcançado por meio da transmissão do conhecimento acumulado pelas gerações anteriores e pela vivência de experiências desafiadoras. Ao longo da história, em todos os níveis educacionais e em todas as sociedades, percebem-se essas duas grandes metas. É claro que as características de cada sociedade determinam o estilo de educação adotado. Os sistemas de conhecimento predominantes determinam as práticas educacionais. Um grande número de estudos de caso ilustra isso.¹

Estamos passando por grandes mudanças sociais. Os novos recursos de transporte, comunicações e coleta, estocagem e processamento de informações, trouxeram novas dimensões à tecnologia, desde a aurora da ciência moderna. Produziram reflexos evidentes nas características da civilização moderna, especialmente na vida urbana, nos modelos de propriedade, na produção e na economia.² Em consequência, novas percepções de equidade, segurança, reconhecimento e recompensa foram geradas e universalizadas nos tempos modernos.

A partir da postura colonial vigente na origem desses conceitos, movemo-nos a passos rápidos para ver a humanidade como uma totalidade e para o reconhecimento de uma raça humana, da qual a Terra é o lar. Buscamos nossa identidade como indivíduos que pertencem a uma espécie cujas muitas especificidades a diferenciam de todas as demais e habita um planeta que faz parte de um processo cósmico. Os indicadores dessas novas percepções são numerosos³. A educação moderna terá, necessariamente, de refleti-las. As universidades, em particular, estão fora de rumo em relação a essas mudanças recentes. Instituições universitárias criadas no modelo tradicional das colônias, e em nações cuja independência é recente, constituem indicadores dessa inadequação⁴.

Estamos em busca de novos modelos. Essa situação tem sido comum em qualquer estágio da humanidade em que surgiram novas formas de conhecimento⁵. Hoje, o caráter universal dos sistemas educacionais, a incorporação das tradições aos círculos individuais em todo o mundo, e a emergência de novas formas de produção, exigem uma nova organização desses locais de produção e transmissão de conhecimento. É claro que o conceito de conhecimento é essencial a qualquer proposta nessa direção. As considerações que se seguem refletem a abordagem transdisciplinar aplicada à compreensão de nós mesmos e do nosso lugar no cosmos.

Transdisciplinaridade

Os mortos e os não-mortos são duas grandes divisões da sociedade primitiva, que parece quase apoiar-se mutuamente na relação dos explorados com as classes exploradoras... A imortalidade dos mortos é uma fantástica realidade.

Christopher Caldwell

É importante reconhecer a necessidade de apoio intelectual ao nosso comportamento, que seja o resultado de uma diversidade de pontos de vista. Num momento de intensos e disseminados indicadores de nacionalismos e fundamentalismos nas relações humanas, torna-se necessária uma visão planetária⁶.

Como chegamos a este ponto? Podemos tentar algumas considerações etimológicas. Nas principais línguas indo-européias, a palavra "vida" tem duas raízes. Uma remonta ao latim (*vie*,

vita, vida) e tem o significado do comportamento que, no século 11, foi identificado com um complexo sistema de evolução a partir de dois *status*, a vida e a morte. A outra concepção vem de *leip*, que tem a ver com o funcionamento do corpo (fígado, gordura). Em ambos há um senso da dinâmica da continuidade do indivíduo e da espécie – a sobrevivência. A busca de alimento e os mecanismos de reprodução estão impressos no código genético.

A ciência moderna e a tecnologia criaram quase tudo, menos a vida, com sua esplendorosa complexidade e reprodução – a continuidade não apenas do indivíduo, mas também do processo vital, no sentido mais amplo da expressão. A partir desses impulsos, intrínsecos ao ser vivo, nascem os comportamentos altruístico e ecológico que garantem a vida. Como todo vivente, o *Homo sapiens sapiens* é orientado para a sobrevivência do indivíduo e da espécie. Esse impulso permeia toda a nossa existência.

Entretanto, por sermos únicos entre as espécies, somos dotados também de um senso de temporalidade: almejamos transcender nossa existência e viajar para antes do nascimento e para depois da morte, levados pela consciência e pela vontade. Estas estão presentes nas manifestações mais precoces do comportamento humano. Nossa busca do passado e do futuro levou-nos aos cultos e à espiritualidade – sob a forma de tradições e religiões – e às profecias, manifestadas nas artes e ciências. O conhecimento significa a capacidade adquirida de sobreviver e transcender.

Sob esse duplo impulso – para a *sobrevivência* e para a *transcendência* –, o comportamento humano tem evoluído na direção da aquisição do conhecimento. Nessa evolução são perceptíveis algumas distorções. Sua principal particularidade é a contradição com a preservação da vida, na própria essência de seu código: a continuidade por meio do indivíduo e da espécie. Faz parte do processo vital o comportamento altruístico e ecológico que leva à eliminação de indivíduos ou de espécies para que outros possam sobreviver. Na espécie humana, isso se faz sob a orientação da consciência e da vontade. A questão básica que levanto liga-se a esse aspecto, isto é, a eliminação de uns para que os outros possam prosseguir. Essa é a mais fundamental das questões relativas à moralidade individual, social e ambiental. Nessa multiplicidade coloca-se a ética.

O que significa ética?

O conhecimento do bem e do mal parece ser o objetivo de toda reflexão ética. Nesse conhecimento, o homem não entende a si mesmo na realidade do destino que lhe foi estabelecido em sua origem, mas em suas próprias possibilidades de ser bom ou mau.

Dietrich Bonhoeffer

O que significa um comportamento ético? De novo, um exercício etimológico nos mostra que os termos "ética", bem como *ethos* e *ethno*, são inter-relacionados. O reconhecimento do outro torna necessária uma ética. É importante que admitamos em nós mesmos os conflitos com o outro. É preciso admitir como legítima a alteridade do estranho. É fundamental reconhecer o outro nas sociedades e espécies competitivas. Sobrepujar o outro coincide com nossos impulsos para a sobrevivência e para a transcendência. O equilíbrio nessa concorrência é uma questão fundamental. Minhas reflexões são permeadas por esse tema básico.

Tem sido freqüente, no comportamento de nossas espécies, a aceitação de que algumas formas de vida têm mais valor que outras, e que algumas não apenas são inúteis, mas em alguns casos ameaçadoras. Algumas espécies são perigosas – por isso, livremo-nos delas! Na mesma linha, alguns indivíduos de uma certa espécie são menos produtivos, dão-nos menos benefícios do que desejamos – portanto, fora com eles! Alguns nos aborrecem, como pernilongos no meio da noite. É preciso descartá-los, portanto! Esse raciocínio em cascata pode ser trazido para a nossa espécie: alguns indivíduos são menos produtivos e por isso devem ser excluídos. Alguns nos aborrecem e por isso devem ter o mesmo destino. Se usamos inseticidas contra os pernilongos que nos assediam, por que não usar guilhotinas, cadeiras elétricas e, hoje em dia, injeções letais, para eliminar esses desviantes que nos dão tanto trabalho?

Em suma, o comportamento humano tem sido crescentemente dominado pelo sentimento de que um indivíduo pode valer mais a pena do que outros. Essa é a origem do comportamento social e ambiental dos tempos atuais. Não vejo outra forma de fazer face à conduta social e ambiental do ser humano senão buscar valores e gerar uma ética apropriada, voltada para o restabelecimento do equilíbrio na concorrência entre a sobrevivência e a transcendência.

O conhecimento científico cresceu e continua crescendo, aparentemente sem limites. Revela-nos a mecânica do Universo e nos dá a capacidade de conhecer os componentes mais elementares da matéria e de tocar e moldar a evolução das formas vivas. Esse mesmo modo de pensar – o conhecimento científico – tem sido usado para convencer os indivíduos de que estão se aproximando da verdade absoluta. Além disso, gaba-se de um tal grau de precisão e autoconfiança que a mais humilde das pesquisas é substituída pela arrogância da certeza, que inibe a investigação e exalta o dogmatismo. Através da história, a maioria das distorções, na longa busca da humanidade pelo conhecimento, tem resultado da separação entre a ciência e as tradições.

Uma espécie de “neurose filosófica” tenta identificar e realçar contradições entre os conhecimentos tradicional e científico. O atributo de “racional” é reservado a este, de um modo que exclui com desprezo aquele. A responsabilidade ética foi “racionalizada”, encerrada em códigos normativos, ou depreciativamente confinada ao domínio dos valores e tradições. O Renascimento consolidou novos modos de pensar, que surgiram nas civilizações antigas da área do Mediterrâneo, desenvolveram-se na Europa e foram impostos ao mundo por meio das grandes navegações.

A “missão civilizatória” do Ocidente, que começou há cerca de 500 anos, resultou em um modelo de sociedade dominado pela ciência e pela tecnologia, com sua conseqüente ordem econômica, social e política. Modos de produção e divisão do trabalho e novos conceitos de propriedade e riqueza estão intimamente relacionados com a filosofia subjacente, que os tornou possíveis. Na verdade, tudo isso foi proposto para justificar a conquista e a colonização. Nesse empenho, línguas, modos de pensar e trabalhar e maneiras de lidar com a propriedade e a saúde foram impostos através da Terra. A ciência e os valores ligados ao pensamento científico e racional foram frequentemente usados para racionalizar variantes de exploração de seres humanos, no processo de estocagem de suprimentos agrícolas. Os conceitos de humanidade e de uma ética para o homem foram gradualmente removidos desse pensamento.

Esse modo de pensar, dominante desde o século 16, foi responsável por:

- a) interpretação de diferenças entre seres humanos como estágios diversos na evolução das espécies;

b) explicação de necessidades materiais básicas não satisfeitas pela falta de empenho ou preguiça, e interpretação da busca da satisfação de necessidades espirituais como falta de racionalidade científica;

c) interpretação da preservação do patrimônio natural e cultural como obstáculos ao progresso. Com efeito, o progresso é um conceito associado ao novo modelo de pensamento.

Todas essas características do pensamento moderno levaram a uma conduta vil. As ligações são claras:

- a) com a arrogância;
- b) com a indiferença e a desumanidade;
- c) com um comportamento irresponsável.

Trata-se de pecados capitais, que podem causar a destruição de espécies inteiras. Violam a sabedoria natural e constituem a mais séria ameaça à extinção do *Homo sapiens sapiens*. Precisamos restaurar a complementaridade dialética entre teoria e prática. Contudo, caímos com frequência na armadilha da fascinação com o discurso teórico, em prejuízo do reconhecimento da essência da prática. Eis a essência da transdisciplinaridade.

Uma nova ética

O maior dos erros filosóficos é contar como filósofos apenas os propriamente ditos, quando na verdade todo ser humano molda a sua própria filosofia; e a razão pela qual eles não a proferem ou especificam na linguagem técnica da filosofia aceita, pode ser o sentimento de que sua filosofia permanece mais filosoficamente verdadeira quando não é declarada.

Paul Valéry

A espécie não pode sobreviver sem uma ética que contrabalance as características do pensamento moderno e apele para o simples e primário princípio de preservação da vida e da civilização na Terra. Chamo de ética da preservação aos seguintes princípios:

- a) *respeito* ao outro apesar de todas as diferenças;
- b) *solidariedade* para com o outro, na satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência e transcendência;
- c) *cooperação* com o outro na preservação do patrimônio cultural e natural.

A civilização pode sobreviver sem uma ética planetária?

O comportamento humano como ação – No breve espaço de tempo de sua presença neste planeta, o ser humano está ameaçado de extinção⁷ e, ao mesmo tempo, maravilhado por ver a si próprio como o centro de um processo. Proponho o entendimento do *Homo sapiens sapiens* como uma criatura em busca da sabedoria e do sublime.

O comportamento e a vida dos seres humanos são inseparáveis. A vida é a ação realizada pelo indivíduo, na realidade e com ela. Trata-se de uma prática orientada por uma estratégia projetada por ele próprio como resultado de sua vontade, depois de ter processado informações vindas do mundo real. Entendo a realidade segundo a proposta de Basarab Nicolescu: “Uma realidade de interação ou de participação”⁸.

A vontade, somada ao processamento da informação, constitui a essência do comportamento livre e inteligente, que caracteriza nossa espécie e define nossa existência. Um indivíduo existe na medida em que reage a impulsos (informação) vindos da realidade e, de modo voluntário, processa-os e define suas estratégias de ação. A dinâmica do processo

... realidade ⇔ indivíduo ⇔ ação ⇔ realidade... indivíduo ⇔ ...

é a mesma da vida. Todos nós, como seres vivos, estamos sujeitos a ela⁹. Graças a isso, somos responsáveis pela modificação da realidade. Até que ponto? Até o limite da nossa sanidade mental¹⁰.

A ação se manifesta de várias formas. Há, por exemplo, a que leva à sobrevivência e à satisfação das necessidades comuns a todos os seres vivos. E há a que conduz à satisfação das necessidades – caracteristicamente humanas – de explicação, entendimento e criação. Em outras palavras, o homem age para transcender sua própria existência e projetar a si mesmo no passado e no futuro.

Ao refletir sobre o comportamento das espécies vivas, percebemos que existe uma sabedoria natural, que pode ser vista de dois modos: a) segundo leis que determinam um comportamento rigoroso, previsível e matematicamente preciso. Essa é a proposta dos antigos paradigmas; b) pela perspectiva da complexidade, que desafia suposições básicas de causa e efeito. Devemos reconhecer que a abordagem complexa ainda é inacessível ao nosso modo atual de entendimento do mundo.

A crença na primeira hipótese levou ao sucesso da abordagem reducionista. Se nos aprofundarmos no exame desse

fenômeno, veremos que o campo de interesses se estreita cada vez mais, sob preceitos metodológicos específicos e limitados. Para evitar isso – e diante de nossa necessidade de buscar explicações globais –, apelamos para as abordagens multidisciplinares e interdisciplinares. Mas estas não são mais que incursões recorrentes no desconhecido, com os mesmos (ou similares) instrumentos metodológicos, que desviam o foco para outras questões.

Não teremos sucesso em nossa busca de explicação se permanecermos no plano dos métodos clássicos da ciência e nos concentrarmos nas funções e em seus domínios e contradomínios – em outros termos, se restringirmos nossa análise ao binômio causa-efeito. Precisamos ir mais além, investigar as próprias categorias de análise e compreender as relações entre os objetos e suas dependências dentro de várias categorias. Trata-se de uma abordagem semelhante à que vem sendo chamada de análise functorial pelos matemáticos. Nossa proposta contempla uma análise da dinâmica da totalidade do processo.

Os indivíduos, as sociedades e a natureza se inter-relacionam segundo estratégias de sobrevivência. Deixamos em aberto a explicação dessas estratégias, seja por meio das leis precisas pelas quais a sociobiologia tenta entendê-las, seja por intermédio de um comportamento caótico ou sinérgico. O fato é que a sobrevivência é inerente às espécies vivas e o equilíbrio se mantém. Ocorrem modificações, quando eventualmente as espécies mudam.

Relações tais como o acasalamento e os arranjos societários são bem conhecidas entre indivíduos da mesma espécie, e as ações coletivas obedecem a modelos comportamentais ditados pela estrutura genética. Ao mesmo tempo, os indivíduos devem interagir com o seu ambiente e com as outras espécies, por meio da ação sobre a natureza em que estão imersos – mas como parte constituinte dela e não como meros predadores. Tais condutas são reguladas pelos princípios da psicologia animal, da sociobiologia e da ecologia.

Da sobrevivência à transcendência – Na abordagem disciplinar (ou, na melhor das hipóteses, interdisciplinar), domínios cognitivos como fisiologia, sociobiologia e biologia aproximam-se, formando um triângulo. No entanto, a visão global pede uma abordagem transdisciplinar. Esta leva à metáfora geométrica, na qual vemos o triângulo como a essência do fenômeno da vida. A quebra desse triângulo em cada um de seus

lados levaria ao fim da vida no planeta. Por isso, chamo-o de triângulo da sobrevivência. O universo no qual o colocamos é, em nossa imagem metafórica, a realidade total e plana. Como no romance de Abbott¹¹, investigaremos as três dimensões mais altas, onde encontraremos o *Omni*.

Na longa história do cosmos – que representa a realidade em seu todo – a vida surge relativamente tarde e apenas em uma parte diminuta. Desde então ela tem se manifestado por meio de uma multiplicidade de fenômenos. Outras formas de vida, em diferentes universos, poderiam provavelmente suscitar diferentes metáforas geométricas. Dificilmente seria possível conceber os mesmos princípios de fisiologia, sociobiologia e ecologia em relação a um possível equivalente extraterrestre de vida.

Nessa realidade metaforicamente plana surgiram, por criação ou evolução, os hominídeos, há cerca de 4,5 milhões de anos. Do *Australopithecus* ao *Homo sapiens*, e finalmente até a nossa própria espécie, outro triângulo se superpôs ao da sobrevivência, que entretanto continua a ser a essência do fenômeno da vida.

Quando o *Homo sapiens* surgiu, os instrumentos, as ferramentas e as técnicas desempenharam um papel importante nessas composições. As relações da nova espécie com a realidade natural – na qual ela estava imersa como parte e não como mero observador – não podem escapar ao modelo do triângulo de sobrevivência. Essa nova espécie apresentou outras características: um desenvolvimento especial do pescoço ou da cabeça, manifestado principalmente por uma disposição especial do ouvido interno, que possibilitou a posição ereta e permitiu um senso de observação mais agudo. Ou a diferenciação da parte superior da traquéia, que permitiu uma forma diferente de lidar com os sons, o que possibilitou um modo muito sofisticado de comunicação.

Essas peculiaridades, combinadas com o crescimento diferenciado do córtex cerebral, permitiram que a espécie tivesse um controle muito melhor do corpo, e também a capacidade de receber grandes quantidades de informações e processá-las por meio de uma memória enormemente desenvolvida. Somou-se a isso o desenvolvimento de uma forma criativa de comunicação – a linguagem – e o aparecimento de um senso de passado e futuro. Tais características, e o impulso para a sobrevivência, tornaram-se subordinados à inteligência e à vontade. Eis o *Homo sapiens sapiens*.

Essas peculiaridades superpuseram ao triângulo da vida um outro, o triângulo da transcendência, responsável por novas intermediações entre os indivíduos, a natureza e as sociedades. Cada membro dessa nova espécie – o *Homo sapiens sapiens* –, que pode chamar a si mesmo de homem¹², está, como qualquer ser vivo, em constante luta pela sobrevivência. Nesse processo, o ser humano desenvolve mediadores entre ele próprio, seus pares e a natureza: são os instrumentos, ferramentas, equipamentos, as técnicas e a comunicação. Alguns deles, com efeito, desfiguram o mundo natural. Além do aglomerado de fatos naturais, a natureza agora exhibe fatos novos, artefatos e mentefatos, produzidos pelos humanos. A realidade é assim modificada e ampliada.

Por meio dos sentidos – que ainda são pouco conhecidos e controlados pelo homem – os artefatos informam outros indivíduos, enquanto os mentefatos informam aquele que os produz. Nossos sentidos são vistos como capazes de reconhecer aquilo que se pode explicar como material. As vibrações, a luz, o som, as ondas ou partículas, são capazes de produzir sensações. As altas frequências, porém, não são percebidas pelos sentidos humanos, mas o são pelo sentidos de outros animais¹³.

Cada indivíduo da espécie *Homo sapiens sapiens* é dotado de uma peculiaridade interna, que submete a luta pela sobrevivência individual e pela continuidade da espécie – características de todas as espécies vivas – a si mesmo e à sua vontade. Assim ele desenvolve uma nova capacidade, peculiar à sua espécie, que é o poder de decisão sobre sua conduta. Esse princípio (que é essencial), em diferentes tradições é chamado de espírito, alma, *anima*, carma etc.

A vontade gera a necessidade de explicar, entender e transcender a própria existência, inferir dos ancestrais e projetar sobre as gerações que virão. Dessa maneira, o ser humano adquire um senso de passado e futuro, o senso do tempo. O impulso de sobrevivência é, assim, associado ao de transcendência. Juntos eles compõem a essencialidade da vida humana. Comer, respirar e procriar assumem agora um outro significado. As pulsões puramente animais de sobrevivência, de alimentar-se e acasalar-se, são agora ligados ao impulso para a transcendência. Alimentar-se e acasalar-se são associados ao prazer e às emoções, mas também permeados por rituais.

A descoberta do outro media a relação entre o indivíduo e a sociedade. A busca do outro – um mero mecanismo da espécie, para os demais seres vivos – adquire uma nova dimensão

com o homem. A busca e a descoberta do "tu" constituem o primeiro passo para transcendermos a nossa existência. O reconhecimento do "tu" e a busca por um "tu comum" leva naturalmente à criação de mitos e símbolos, tradições e normas, sabedoria e conhecimento. Leva à cultura, no sentido mais amplo da palavra. Os indivíduos se subordinam a essas categorias de conduta, que intermediam seus relacionamentos com seus semelhantes. Elas dominam as relações entre os indivíduos e a sociedade, bem como entre as sociedades e a realidade em si mesma. A força orientadora para a sobrevivência das sociedades é assim modificada por fatores que resultam dessas mediações. Alguns exemplos são o trabalho e sua divisão, a propriedade e as estruturas de poder e hierarquia.

Essas novas intermediações constituem a essência do que se tornou conhecido como conhecimento – os *matema*. Essa circunstância transparece na aquisição de habilidades, capacidades, modos de fazer, explicar, entender – formas de lidar com as necessidades diárias de sobrevivência e transcendência. Manifesta-se por meio de modos distintos de comunicação, invenção de diferentes instrumentos, aceitação de diversos modos de auto-organização e divisão do trabalho. Grupos de indivíduos que vivem em uma sociedade, sujeitos a condições naturais específicas, dividem as mesmas especificidades, os mesmos *matema*.

Essas formas de comportamento são incorporadas ao conhecimento comum, que mantém juntos e operacionais grupos de pessoas, comunidades, sociedades. Desse modo a cultura se manifesta em diferentes modos e domínios, que estão obviamente inter-relacionados. São expressões culturais, tais como a linguagem, as práticas matemáticas, os sentimentos religiosos, a estrutura familiar, as roupas e os modelos comportamentais. Estão, é claro, ligadas à história dos grupos de indivíduos, comunidades e sociedades nas quais se desenvolveram.

É impossível evitar a diversidade das culturas. Uma comunidade maior divide-se sempre em variantes culturais. Cada uma tem sua própria história e responde de modo diferente aos mesmos estímulos. As relações entre as culturas são enriquecedoras e, ao mesmo tempo, desafiadoras. Como se sabe, as diferentes culturas que formam a humanidade são muitas vezes conflitantes. Os conflitos inter e intraculturais são inevitáveis. Conviver com eles é o principal desafio da dinâmica cultural e constitui o objetivo final da civilização.

A essência da humanidade – Discutirei agora o que significa ser humano, isto é, a essência do ser humano. O jogo entre o substantivo e o verbo – “ser” e “ser” – sintetiza essa discussão. A essência da humanidade é alcançada quando os dois estão juntos em relação simbiótica. Isso só pode ocorrer em uma dimensão superior à da realidade material bidimensional.

A estrela que resulta da superposição dos dois triângulos – o da sobrevivência e o da transcendência – é o símbolo da espécie. É o aspecto substantivo do *Homo sapiens sapiens*. A metáfora mostra que ele constitui a essência da espécie humana. Representa a realização, por essa espécie, de suas necessidades essenciais de sobrevivência e transcendência. Essa metáfora geométrica – a *estrela da essencialidade* – é um exemplo do que falei há poucos parágrafos. Tudo isso está imerso em uma realidade material, na qual a transcendência não pode ser satisfeita. Tal realidade é o presente, o momento em que estamos vivendo. Metaforicamente, é o universo bidimensional, o aqui-e-agora.

Um passo adiante, na direção da sabedoria total, pode fazer-nos alcançar outra dimensão. A espécie humana deu esse passo, que a diferenciou de todas as demais espécies vivas, e ele corresponde a um movimento rumo a outra dimensão. Não podemos alcançar o passado nem o futuro, mas somos dirigidos para eles. Tanto um quanto o outro, como comportamentos, ultrapassam a realidade e estão fora da bidimensionalidade do real. Penetrar nessa nova dimensão corresponde à consecução da espiritualidade: é alcançar o carma, a ultrapassagem da materialidade. O impulso que leva a ela é a essência da vontade. Assim, o homem só atinge a sua plenitude – só alcança a humanidade e toma posse de seu *self* – quando essa realidade tridimensional é realçada. Este é o meu conceito de aquisição do *status* total de ser humano.

Alcançar essa realidade tridimensional mais alta está além das capacidades de nossa percepção como espécie. Mas devemos buscá-la. Nosso objetivo, como indivíduos e como espécie, é alcançar a dimensão total de seres humanos. Sondamos o desconhecido e as dimensões mais altas, que são os domínios da onisciência, onipotência e onipresença.

Porque vê sempre algo cada vez mais maravilhoso, o homem não deixa de olhar e de aprender.

Jacob Boehme¹⁴

1. A educação tribal é um exemplo.
2. Ver a importância da urbanização no Novo Mundo, no estudo de José Sala Catalá: *Ciencia y técnica en la metropolización de América*, Theatrum Machinae, Madrid, 1994. Nessa obra, o autor mostra que vida urbana é o principal suporte do conhecimento científico e tecnológico.
3. Entre esses, menciono a crescente abolição da necessidade de vistos e facilidades de residência, a proliferação de religiões catastrofistas, o uso de substitutos para as moedas locais, os jornais internacionais, os automóveis mundiais, os softwares padronizados e os currículos internacionais.
4. Ver meu estudo sobre o papel das universidades no desenvolvimento: *Knowledge transfer and the universities: a policy dilemma*, Integrated Technology Transfer, ed. Jacques Richardson, Lomond Books, Mont Lairy, 1979, págs. 37-43.
5. Podemos entender assim as academias gregas, os mosteiros e as universidades medievais, a universidade moderna e as universidades subsidiadas pelo governo.
6. Mesmo em meu país, o Brasil, construído por estrangeiros que aqui chegaram, voluntariamente ou forçados, no século 16, para dominar e impor aos nativos modos alienígenas de explanação, entendimento e modos de lidar com a realidade, há uma tendência crescente para tratar com dureza os "desviantes". Os pretextos para eliminá-los, mesmo por meio da pena de morte, disseminam-se por todo o mundo.
7. Embora não queira ser catastrofista, não posso deixar de reconhecer os perigos que a natureza enfrenta – a humanidade em especial.
8. Basarab Nicolescu, *La science, le sens et l'évolution. Essai sur Jakob Boehme*, Éditions du Félin, Paris, 1988, pág. 127.
9. Ver Ubiratan D'Ambrosio, *Da realidade à ação* (3ª edição), Summus Editorial, São Paulo, 1995.
10. Insano é alguém que se conforma inteiramente com a realidade, ou, por outro lado, que não aceita as suas próprias limitações.
11. Edwin A Abbott, *Flatland: a romance of many dimensions*. New American Library, Nova York, 1984.
12. Poderia optar por "mulher" ou "criança" nesse momento, ou usar sempre "homem/mulher" ou "ele/ela", como faz a maioria dos autores. Não estou convencido de que esse artifício tenha algum efeito sobre os homens ou mulheres da espécie humana, a não ser o de exteriorizar, ou algumas vezes disfarçar, uma atitude ou comportamento interior de desprezo. Não hesito, em qualquer lugar e tempo, em expressar meu profundo respeito pelo outro sexo, e minha ativa solidariedade para com a luta das mulheres no sentido de corrigir toda uma história de discriminação e exploração. O respeito e a solidariedade pelo outro vão além do sexo.
13. Um certo número de casos de supostas comunicações mentais, à distância e depois da morte, tem sido relatado. Sejam elas fatos ou imposturas, fazem parte do imaginário humano. São explicadas como capacidades extra-sensoriais de certos indivíduos. São semelhantes ao que, há 200 anos, era aceito como explicação para comportamentos esquizóides.
14. Ver Basarab Nicolescu, *op cit*, pág. 195.

Ao leitor: Este artigo conduz uma mensagem de esperança em relação ao futuro da humanidade. Pago ônus de ser franco no conteúdo – amor é do que precisamos – e didático no estilo: todo indivíduo, do simplório ao intelectual sofisticado, tem a responsabilidade e os meios para alcançar a transcendência.

Ubiratan D'Ambrosio **THOT**

J. C. ISMAEL

é jornalista,
escritor e autor,
entre outros livros,
de *Iniciação ao
Misticismo Cristão*
(ed. Record/
Nova Era).
jcismael@hotmail.com

OS FRUTOS AMARGOS DA DEMOCRACIA

Deixe as pessoas pensar que governam e elas serão governadas.

William Penn (1644-1718)

Praticada em sociedades primitivas e reinventada na Grécia Antiga, presumivelmente pelo poeta e estadista ateniense Sólon (639?-559? a.C.), a democracia baseava-se na premissa de que ninguém está mais apto que o próprio povo para escolher quem deve governá-lo. A democracia direta, exercida por conselhos ou magistrados eleitos por sorteio ou aclamação, mostrou-se factível nas pequenas cidades-estados gregas e nas repúblicas medievais: nelas, a população, politizada, debatia e votava em praça pública leis que poderiam ser modificadas e canceladas conforme os resultados da sua aplicação. Mas a democracia helênica – Sócrates é acusado de desprezá-la – nasce contaminada por uma visão aristocrática do poder, uma vez que o exercício dos direitos políticos não se estendia à maioria da população, constituída por metecos e escravos.

Atenas começa, então, a perder brilho. As condições socio-políticas tornam-se mais complexas, mas, esnobando as reivindicações populares, os governantes cuidam dos próprios interesses, impondo um verdadeiro regime oligárquico. A unidade religiosa, que contribuía para dar consistência ao regime, se esfacela. A partir de então, a história das idéias democráticas conhecerá vários e eletrizantes capítulos, mas sua premissa básica continua a mesma: sem ter liberdade e o direito de escolher seus dirigentes, nenhum povo pode ser feliz.

Ainda há quem pretenda ser original ao citar, em louvor da democracia, o trecho do discurso que Winston Churchill fez na Câmara dos Comuns em novembro de 1947. Disse o olímpico estadista inglês que ela é a pior forma de governo, com exceção de todas as outras tentadas ao longo da História. A frase é sempre lembrada quando se discute a supremacia desse regime e, de tão batida, virou mero lugar-comum. Churchill, por sua vez, não foi original.

Vinte e oito anos antes, o seu compatriota William Ralph Inge escreveu que a democracia pode ser racionalmente defendida, não pelo fato de ser o ideal, mas o menos ruim dos sistemas de governo, constatação repetida por Jawaharlal Nehru numa entrevista ao jornal *The New York Times*, em janeiro de 1961. Defender uma idéia só porque ninguém tem outra melhor é convite ao imobilismo. No caso da democracia, não basta incensá-la murmurando as mazelas do totalitarismo. Ela pode, como disse Dwight Eisenhower, morrer de morte natural, caso não lhe abram novos caminhos.

A língua alemã tem uma palavra – *Zeitgeist*, também grafada como *Geist der Zeit* ou *Geist der Zeiten* – para a qual muitas interpretações são propostas, dependendo do contexto em que é usada. Sua tradução literal é “espírito do tempo” (ou “dos tempos”), um sentimento difuso que “está no ar” e assim permanece durante certo período. Apropriado pela filosofia, Alfred North Whitehead o chama de *climate of opinion* e Johann G. Herder o identifica com um demônio poderoso e assustador que a todos domina. Para Karl Löwith, é a maneira como uma determinada época concebe criticamente a si própria. Mas é também uma expressão usada para traduzir os questionamentos menos genéricos feitos num setor da sociedade: nas artes, no comportamento, nos costumes.

Qual é o *Zeitgeist* no que diz respeito à democracia brasileira? Uma pesquisa realizada recentemente pela instituição privada chilena Corporação Latinobarômetro comprovou aquilo que há muito tempo “está no ar”: dois em cada três jovens brasileiros com idade entre 16 e 24 anos mostram-se indiferentes quanto ao fato de estarem vivendo sob uma democracia, apenas 3% se dizem interessados no assunto, enquanto 39% dos entrevistados acreditam ser a democracia preferível a qualquer outra forma de governo, embora mal saibam defini-la, e 42% acham que os partidos políticos são dispensáveis para o seu funcionamento. Foi o pior resultado entre os 17 países do continente, mesmo sem quantificar a grande porcentagem de

eleitores que, para se livrar da obrigação de votar, escolhem qualquer nome, logo esquecido.

Esta "crise" não se restringe à América Latina. Num artigo publicado pela revista *Atlantic Monthly* (dezembro de 1997), o jornalista e escritor Robert D. Kaplan mostra-se pessimista quanto ao futuro da democracia no mundo, incluindo os Estados Unidos (onde o desinteresse pelas próximas eleições presidenciais é crescente) entre os países onde ela corre o risco de ser substituída por regimes que possam até privilegiar uma nova forma de autoritarismo.

Kaplan cita a Rússia e a China como exemplos da sua tese: a primeira provavelmente caminha para o caos porque adotou a democracia, enquanto o absolutismo da segunda garante-lhe o sucesso tanto na manutenção da ordem, como no atendimento às necessidades básicas do povo. Afirma ele que, como o modelo democrático moderno se está esgotando, os países que o adotam conhecerão um declínio irreversível, caso não escolham um novo sistema de governo, de preferência híbrido. Não são previsões delirantes.

A democracia brasileira, resgatada das sombras da caserna para impor-se como guardiã das liberdades, está longe de se consolidar como o modelo ideal de governo, se é que existe algum. Mas por que não evitar sua falência moral, por exemplo, experimentando o parlamentarismo, acabando com a praga dos partidos de aluguel e do nepotismo, punindo exemplarmente os corruptos e os corruptores, instituindo o voto distrital e a exigência de um nível mínimo de instrução para os candidatos?

A explicação para esse imobilismo é prosaicamente mercantil: a maioria dos políticos defende a democracia com reflexões inspiradas não exatamente na leitura de Aristóteles, John Locke, Montesquieu ou Alexis de Tocqueville, mas porque ela lhes vem servindo, e aos seus comparsas, para amealhar um portentoso butim, haja vista a tênue fronteira entre o noticiário político e o policial. A decepção com a democracia é, portanto, um fato. Não são poucos os cientistas sociais sérios, como Vilfredo Pareto, que a identificam com uma fraude, uma oligarquia burocrática disfarçada, porque não representa a vontade popular, mas os interesses de poucos em benefício de poucos. O Brasil, infelizmente, poderia lhe servir de exemplo. **THOT**

OBRAS DESTA EDITORA

Romano Guardini	A aceitação de si mesmo e As idades da vida
Heinrich Zimmer	A conquista psicológica do mal
Nagarjuna	A grinalda preciosa
Beto Hoisel	Anais de um simpósio imaginário
Mahatma Gandhi	A roca e o calmo pensar
Joseph Campbell	As máscaras de Deus
	Mitologia primitiva - vol. 1
	Mitologia oriental - vol. 2
Humberto Mariotti	As paixões do ego
Mahatma Gandhi	Autobiografia - Minha vida e minhas experiências com a verdade
Maura Baiocchi	Butoh, dança veredas d'alma
Nagarjuna	Carta a um amigo
Thich Nhat Hanh	Cultivando a mente de amor
Trad.: Nissim Cohen	Dhammapada - a senda da virtude
Edgar Morin <i>et al</i>	Ética, solidariedade e complexidade
Heinrich Zimmer	Filosofias da Índia
Ignacio da Silva Telles	Forjadores espirituais da história
Shunryu Suzuki	Mente zen, mente de principiante
Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama	Minha terra e meu povo
Heinrich Zimmer	Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia
Jacob Needleman	O coração da filosofia
Sogyal Rinpoche	O livro tibetano do viver e do morrer
Joseph Campbell e Bill Moyers	O poder do mito
Denise Gimenez Ramos	Os animais e a psique - do simbolismo à consciência
<i>et al</i>	
Patrício Sciadini, OCD	San Juan de la Cruz, o poeta de Deus
Morgana Masetti	Soluções de palhaços: Transformações na realidade hospitalar
Ubiratan D'Ambrosio	Transdisciplinaridade
Olgária Matos	Vestígios - Escritos de filosofia e crítica social
Mircea Eliade	Yoga - Imortalidade e liberdade

Publicação de ensaios:

autores diversos THOT (nºs 53 a 75)

Co-edição - Palas Athena / EDUSP:

Henrique Murachco Diálogo dos mortos, Luciano

Co-edição - Palas Athena / EDUC:

Hypnos nº 3	Ethos, ética
Hypnos nº 4	Techné
Hypnos nº 5	A filosofia: seu tempo, seus lugares
Hypnos nº 6	Reflexões sobre "o poder" e outras questões
Cognitio nº 1	Revista do Centro de Estudos do Pragmatismo

Para aquisição de nossas obras e assinatura da publicação THOT, entrar em contato com

ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - 04003-010 - São Paulo - SP

Fone: (11) 3266.6188 Fax: (11) 287.8941

www.palasathena.org

*“Que os homens se reconheçam
não pela cor da pele,
pelo crivo de seus credos
ou por opções pessoais,
mas pelo rubro do sangue.
Que se amem todos
num amor de nó:
canário e curió
cantem juntos
dentro de um mundo só.
Hoje. Como nunca”.*

Toninho Macedo
(inspirado no poema *Categrô* de Cassiano Ricardo)

ISSN 1413-893X



9 771413 893008 75 >